

Darwinismo e Marxismo

Introdução da CCI

O ano de 2009 foi proclamado "Ano Darwin" no mundo inteiro, tanto por parte das instituições científicas como pelas editoras e as mídias. Com efeito, corresponde ao bicentenário do nascimento de Charles Darwin (12 de fevereiro de 1809) e aos cento e cinqüenta anos da publicação da sua primeira obra fundamental, *Sobre a origem das espécies através da seleção natural*, publicado em 24 de novembro de 1859. Atualmente nos encontramos diante de um sem número de conferências, livros, estudos e programas de televisão tratando de Darwin e sua teoria, que se bem permitem de quando em quando fazer-se uma idéia mais precisa desta, mais freqüentemente conseguem envolvê-la em uma névoa espessa na qual se torna difícil orientar-se. Isso é devido em parte ao fato que muitos autores, conferencistas e jornalistas, que se pretendem "especialistas em Darwin", não o conheciam há um ano e que o Ano Darwin, para eles como para os seus patrões, graças a uma rápida leitura de alguns artigos de Wikipédia, não é mais que uma boa ocasião para aumentar sua notoriedade ou suas receitas. Porém é também por outra causa que tanta confusão embrulha as concepções de Darwin. É que quando foram expostas na *Origem das espécies*, estas concepções passaram a ser um tema de primeira ordem a nível ideológico e político notadamente porque golpeavam brutalmente os dogmas religiosos do tempo, e também porque foram imediatamente instrumentalizadas por vários ideólogos da burguesia. O que estava em jogo à época, hoje continua presente, nas várias interpretações e falsificações cuja teoria de Darwin continua sendo objeto. Com a finalidade de permitir a nossos leitores compreenderem um pouco melhor, publicamos em duas partes o folheto de Anton Pannekoek, *Darwinismo e marxismo*, escrito em 1909 como motivo do centenário do nascimento de Darwin e que continua pelo essencial mantendo atualidade. O marxismo sempre tem se interessado pela evolução das ciências, que fazem parte integrante do desenvolvimento das forças produtivas da sociedade e, também, porque considera que a perspectiva do comunismo não pode basear-se simplesmente em uma exigência moral de justiça, assim como foi para uma quantidade de "socialistas utópicos" do passado, mas também sobre o conhecimento científico da sociedade humana e da natureza da qual faz parte. Por isso, muito antes da publicação do folheto de Pannekoek, o mesmo Marx tinha dedicado em junho de 1873, um exemplar da sua obra principal o *Capital*, a Charles Darwin. Com efeito, Marx e Engels haviam reconhecido na sua teoria da evolução no âmbito do estudo dos organismos vivos, uma abordagem similar ao do materialismo histórico, como atestam esses dois extratos da sua correspondência:

- "*Darwin, a quem acabo de ler, é magnífico. Nunca houve até agora uma tentativa de demonstrar a evolução histórica na natureza de maneira tão esplêndida, ao menos com tanto êxito*" (Engels a Marx, 11 de dezembro de 1859)
"*Neste livro se encontra o fundamento, na história natural, de nossa concepção*" (Marx a Engels, 19 de dezembro de 1860)[1]

O texto de Pannekoek, redigido com muita sensibilidade, nos proporciona um excelente resumo da teoria da evolução das espécies. Porém Pannekoek não só era um homem de ciência erudito (foi um astrônomo muito famoso). Era antes de tudo um marxista e um militante do movimento operário. Por isso no seu folheto *Darwinismo e marxismo* se esforça em criticar qualquer tentativa de aplicar esquemática e mecanicamente a teoria de Darwin da seleção natural à espécie humana. Pannekoek faz ressaltar claramente as analogias entre marxismo e darwinismo e dá conta da utilização, por parte dos setores

mais progressistas da burguesia, da teoria da seleção natural contra os vestígios reacionários do feudalismo. Porém também critica a exploração fraudulenta pela burguesia da teoria de Darwin contra o marxismo, em particular as derivas do "darwinismo social", ideologia desenvolvida em particular pelo filósofo britânico Herbert Spencer (e retomada hoje pelos ideólogos do liberalismo para justificar a concorrência capitalista, a lei da selva, o cada um por si e a eliminação dos mais débeis).

Frente à volta das crenças obscurantistas saídas da noite dos tempos e, em particular, do "criacionismo" com seu avatar da "concepção inteligente" segundo a qual a evolução dos organismos vivos (e o aparecimento do próprio homem) corresponderia a um "plano" preestabelecido por uma "inteligência superior" de essência divina, aos marxistas lhes cabe reafirmar o caráter científico e materialista da teoria de Darwin e destacar o passo importante, que contribuiu para as ciências da natureza.

Obviamente, o folheto de Pannekoek deve estar situado no contexto dos conhecimentos científicos do seu tempo e algumas das suas visões, desenvolvidas na segunda parte (que publicaremos logo), hoje estão um tanto superadas por um século de investigações e descobertas científicas (em particular, as da paleantropologia e a genética). Porém no essencial, sua contribuição (redigida em holandês e que até a data, foi traduzida só em inglês e português[2], segundo o que sabemos) é uma contribuição inestimável a história do movimento operário.

CCI (19 de abril de 2009)

- **Folheto de Anton Pannekoek**

I. Darwinismo

Difícilmente dois cientistas poderiam ser mencionados, na segunda metade do século XIX, que tenham dominado a mente humana em um grau maior do que Darwin e Marx. Seus ensinamentos revolucionaram a concepção que as grandes massas tinham sobre o mundo. Por décadas seus nomes estiveram na boca de todo o mundo e seus ensinamentos se tornaram o ponto central das lutas intelectuais que acompanham as lutas sociais de hoje. O motivo disso reside primeiramente no alto conteúdo científico de seus ensinamentos.

A importância científica do Marxismo assim como do Darwinismo consiste em sua fidelidade rigorosa à teoria da evolução, pertencendo o Darwinismo ao campo de análise do mundo orgânico, das coisas animadas, vivas, da natureza; e o Marxismo ao campo da sociedade. Esta teoria da evolução, entretanto, de modo algum era nova, pois já tinha sido defendida antes de Darwin e Marx. Hegel o filósofo, a fez mesmo o ponto central de sua filosofia. É, portanto, necessário observar mais de perto quais as realizações de Darwin e de Marx neste campo.

A teoria que diz que plantas e animais se desenvolveram uns a partir dos outros foi primeiramente conhecida no século XIX. Em tempos passados a questão "de onde vêm todas estas milhares e centenas de milhares de diferentes espécies de plantas e animais que conhecemos?" era respondida: "no momento da criação Deus as criou todas conforme sua espécie". Esta teoria primitiva estava em conformidade com as experiências realizadas e com as mais velhas informações que poderiam ser obtidas. De acordo com essas informações, todas as plantas e animais conhecidos sempre foram os mesmos. Cientificamente, essa experiência foi assim expressa: "todas as espécies são invariáveis porque os pais transmitem suas características aos seus filhos".

Havia, entretanto, algumas peculiaridades entre plantas e animais que gradualmente necessitaram a formulação de uma concepção diferente. Então elas ficaram bem dispostas dentro de um sistema que foi primeiramente fundado pelo cientista sueco Lineu. De acordo com esse sistema, os animais estão distribuídos em reinos; estes reinos em classes; as classes em ordens; as ordens em famílias, as famílias em gêneros, cada gênero contendo algumas espécies. Quanto mais aparência há em suas características, mais próximos estão entre si os seres vivos no sistema menor é o grupo ao qual eles pertencem. Todos os animais classificados como mamíferos apresentam as mesmas características gerais em sua estrutura corpórea. Os animais herbívoros, animais carnívoros, macacos, que pertencem a ordens diferentes, são novamente diferenciados. Ursos, cachorros e gatos, todos os animais predadores, têm muito mais em comum na forma corporal do que têm com cavalos ou macacos. Esta concordância é ainda mais óbvia quando examinamos variedades das mesmas espécies; o gato, o tigre e o leão parecem-se mais entre si em muitos aspectos onde eles se diferem dos cachorros e ursos. Se nós sairmos da classe dos mamíferos para outras classes, tais como os pássaros ou os peixes, encontraremos maiores diferenças entre as classes do que encontramos no seio de uma classe. Há ainda, entretanto, uma leve semelhança na formação do corpo, do esqueleto e do sistema nervoso. Estas características desaparecem quando nos afastamos desta divisão principal, a qual abarca todos os vertebrados e vamos até os moluscos (animais de corpo mole) e os pólipos.

Todo mundo animal pode assim ser organizado dentro de divisões e subdivisões. Se todas as diferentes espécies de animais tivessem sido criadas inteiramente independentes de todas as outras, não haveria razão para tais categorias (divisões e subdivisões) existirem. Não haveria nenhuma razão que impedisse a existência de mamíferos portadores de seis patas. Teríamos de assumir, então, que no momento da criação, Deus tomou o sistema de Lineu como um plano e criou todas as coisas de acordo com esse plano. Felizmente nós temos uma outra maneira de considerar isso. A semelhança na construção do corpo pode ser devida a um real relacionamento familiar. De acordo com essa concepção, a conformidade de peculiaridades demonstra qual a proximidade ou distância do relacionamento; assim como a semelhança de irmãos e irmãs é maior do que de parentes distantes. As espécies animais não foram, portanto, criadas individualmente, mas se desenvolveram umas a partir das outras. Elas formam um tronco que se iniciou de uma base simples e que se desenvolveu continuamente; os últimos e mais finos galhos são constituídas das espécies existentes atualmente. Todas as espécies de gatos descendem de um gato primitivo, o qual tal como o cachorro e o urso primitivos, é um descendente de algum tipo primitivo de animal carnívoro. O animal predador primitivo, o animal primitivo que tem cascos, e o macaco primitivo descenderam de um mamífero primitivo etc.

Esta teoria da descendência foi defendida por Lamarck e por Geoffroy St. Hilaire. Não foi, entretanto, recebida com aprovação geral. Estes naturalistas não puderam provar a correção desta teoria e, portanto, ela permaneceu somente como uma hipótese, uma mera suposição. Quando Darwin apareceu, entretanto, com seu principal livro, *A Origem das Espécies*, caiu como um raio; sua teoria foi imediatamente aceita como uma verdade fortemente provada. A teoria da evolução, desde então, tornou-se inseparável do nome de Darwin . Por quê?

Isto ocorreu particularmente devido ao fato de que através da experiência uma quantidade maior de material foi acumulada e deu suporte a esta teoria. Animais foram encontrados que não podiam ser facilmente encaixados na classificação, tais como os mamíferos ovíparos, peixes que têm pulmões e animais vertebrados sem vértebras. A teoria da ascendência reivindicava que estes são simplesmente os remanescentes da transição

entre os principais grupos. Escavações revelaram restos fósseis que pareciam ser diferentes dos animais existentes atualmente. Estes restos mostraram-se, em parte, como sendo as formas primitivas dos nossos animais e que os animais primitivos desenvolveram-se gradualmente até os atuais. Então a teoria das células foi formada: cada planta, cada animal, consiste de milhões de células e tem se desenvolvido pela incessante divisão e diferenciação de células individuais. Tendo chegado a este ponto, o pensamento de que os organismos superiores são descendentes dos seres primitivos que possuem uma só célula, não poderia parecer estranho.

Todas estas novas experiências não puderam, entretanto, elevar a teoria à condição de verdade solidamente provada. A melhor prova da correção desta teoria seria a transformação real de uma espécie animal para outra ter acontecido ante nossos olhos, de modo que pudéssemos observá-la. Mas isso é impossível. Como então é possível provar de algum modo que formas animais estão realmente mudando para novas formas? Isto pode ser feito mostrando a causa, a força propulsora de tal desenvolvimento. Isto Darwin fez. Darwin descobriu o mecanismo do desenvolvimento animal e ao fazê-lo mostrou que sob certas condições algumas espécies animais necessariamente se desenvolverão e se transformarão em outras. Iremos agora esclarecer este mecanismo.

Seu principal fundamento é a natureza da transmissão, o fato de que os pais transmitem suas peculiaridades aos filhos, mas que ao mesmo tempo os filhos diferem de seus pais em alguns aspectos e também diferem entre si. É por essa razão que os animais da mesma espécie não são todos parecidos, mas diferem em todas as direções do tipo médio. Sem a assim chamada variação seria totalmente impossível para uma espécie animal se desenvolver em outra. Tudo o que é necessário para a formação de novas espécies é que as diferenças a partir do tipo central se tornem cada vez maiores, e que prossigam na mesma direção até que estas se tornem tão grandes que o novo animal não mais se pareça com aquele do qual ele descendeu. Mas onde está aquela força que poderia empurrar para frente uma sempre crescente variação na mesma direção?

Lamarck declarou que isto era devido ao uso e muito exercício de certos órgãos; que, devido ao exercício contínuo de certos órgãos, estes se tornam cada vez mais perfeitos. Assim como os músculos das pernas dos homens ficam mais fortes quando se corre muito, do mesmo modo o leão adquiriu suas poderosas patas e a lebre suas pernas velozes. Da mesma maneira as girafas conseguiram ter seus pescoços compridos porque para alcançar as folhas das árvores, as quais elas comiam, seus pescoços esticavam tanto que um animal de pescoço curto se desenvolveu e se transformou na girafa de pescoço longo. Para muitos esta explicação era inacreditável e não dava conta do fato de que o sapo devesse ter uma cor verde a qual serve a ele como uma boa proteção.

Para resolver a mesma questão, Darwin voltou-se para uma outra linha de experiência. O criador de animais e o horticultor são capazes de fazer crescer artificialmente novas raças e variedades. Quando um horticultor quer cultivar certa variedade de planta com flores grandes, tudo o que ele tem de fazer é matar antes da maturidade todas aquelas plantas que têm flores pequenas e preservar aquelas que têm flores grandes. Se repetir isto por alguns anos sucessivamente, as flores serão sempre maiores, porque cada nova geração se assemelha à sua predecessora e nosso jardineiro, tendo sempre escolhido as maiores entre as grandes para o propósito de propagação, obtém sucesso em criar uma planta com flores muito grandes. Através desta ação, feita às vezes deliberadamente, às vezes acidentalmente, as pessoas criaram um grande número de raças de nossos animais domesticados, os quais diferem de sua forma original muito mais do que as espécies selvagens diferem entre si.

Se questionássemos um criador de animais sobre a transformação de um animal de pescoço curto em um animal de pescoço longo, não pareceria a ele uma impossibilidade. Tudo o que ele teria de fazer seria escolher aqueles que tivessem pescoços relativamente mais compridos, cruzá-los, matar os jovens que tivessem pescoços curtos e novamente cruzar os animais com pescoços longos. Se repetisse essa operação a cada nova geração o resultado seria que o pescoço tornar-se-ia cada vez mais longo e teríamos conseguido um animal parecido com a girafa.

Este resultado foi encontrado porque há uma vontade definida com um objetivo definido, o qual, para criar certa variedade, escolhe certos animais. Na natureza não há tal vontade e todos os desvios devem novamente ser ajustados através do cruzamento, de modo que é impossível para um animal continuar partindo do tipo original e ir sempre na mesma direção até tornar-se uma espécie completamente diferente. Onde então está o poder da natureza que escolhe os animais do mesmo jeito que faz um criador?

Darwin refletiu sobre este problema muito tempo antes que encontrasse sua solução na "luta pela existência". Nesta teoria temos o reflexo do sistema produtivo do tempo em que Darwin viveu; por isso, foi à luta competitiva capitalista que serviu a ele como retrato da luta pela existência predominando na natureza. Não foi através de sua própria observação que esta solução se apresentou a ele. Veio a ele pela leitura dos trabalhos do economista Malthus. Malthus tentou explicar que em nosso mundo burguês há muita fome, miséria e privação porque a população cresce muito mais rápido do que os meios de subsistência. Não há alimento suficiente para todos; as pessoas precisam, portanto, lutar com cada um pela sua existência e muitos cairão nesta luta. De acordo com esta teoria a competição capitalista, bem como a miséria existente, foi declarada como uma inevitável lei natural. Em sua autobiografia Darwin declara que foi o livro de Malthus que o fez pensar sobre a luta pela existência:

- *"Em outubro de 1838, isto é, quinze meses depois que eu iniciei minha pesquisa sistemática, comecei a ler, por entretenimento, Malthus, no que concerne à população e estando bem preparado para apreciar a luta pela existência, que ocorre em todas as partes, por uma longa observação contínua dos hábitos dos animais e plantas, iluminou-me o fato de que sob estas circunstâncias variações favoráveis tenderiam a ser preservadas e variações desfavoráveis tenderiam a ser destruídas. O resultado disto seria a formação de novas espécies. Aqui, então, eu encontrei finalmente uma teoria pela qual trabalhar."*

É um fato que o aumento do nascimento dos animais é maior do que a comida existente permite sustentar. Não há exceção à regra de que todos os seres orgânicos tendem a aumentar numericamente tão rapidamente que nossa Terra seria coberta muito brevemente pela descendência de um simples casal, se uma parte desta não fosse destruída. É por essa razão que a luta pela existência deve se impor. Cada animal tenta viver, faz o possível para comer e evita ser comido pelos outros. Com suas peculiaridades e armas específicas ele luta contra o mundo inteiro que lhe é antagônico, contra animais, frio, calor, aridez, inundações e outras ocorrências naturais que podem ameaçar destruí-lo. Acima de tudo, ele luta contra animais de sua própria espécie que vivem do mesmo modo que ele, têm as mesmas particularidades, usam as mesmas armas e vivem do mesmo alimento. Esta luta não é uma luta direta; a lebre não luta diretamente com a lebre, nem o leão com o outro leão - a não ser a luta pela fêmea - mas esta é uma luta pela existência, uma corrida, uma luta competitiva. Todos eles não podem alcançar uma idade adulta; a maior parte deles é destruída e somente aqueles que vencem a corrida permanecem. Mas quais são aqueles que vencem a corrida? Aqueles que, através de suas particularidades,

através de suas estruturas corporais, são mais capazes de encontrar alimento ou de escapar de um inimigo; em outras palavras, aqueles que são mais adaptados às condições existentes sobreviverão. *"Porque existem sempre mais indivíduos que nascem do que podem permanecer vivos, a luta pela sobrevivência deve começar novamente e aquela criatura que tem alguma vantagem sobre os demais, sobreviverá, mas como suas diferentes particularidades são transmitidas para as novas gerações, a natureza por si mesma faz a escolha e uma nova geração aparecerá contendo peculiaridades modificadas."*

Aqui temos uma outra explicação para a origem da girafa. Quando a grama não mais cresce em alguns lugares, os animais devem se alimentar de folhas de árvores e todos aqueles cujos pescoços são muito curtos para alcançar as folhas vão perecer. Na própria natureza há seleção e ela seleciona somente aqueles que têm pescoços longos. Em referência à seleção feita pelo criador de animais, Darwin chamou este processo de "seleção natural".

Este processo deve necessariamente produzir novas espécies. Pelo fato de demais originários de certa espécie nascerem, mais do que a quantidade existente de alimentos pode suprir, eles estão sempre tentando se espalhar por uma grande área. Para conseguir sua comida, aqueles que vivem nas florestas vão para as planícies, os que vivem na terra vão para a água e aqueles que vivem no chão sobem nas árvores. Sob estas novas condições, uma aptidão ou uma mudança é muitas vezes apropriada enquanto não era antes, e se desenvolve. Os órgãos mudam com o modo de vida. Adaptam-se às novas condições de vida e a partir das velhas espécies uma nova se desenvolve. Este contínuo movimento das espécies existentes se ramificando em novos galhos resulta nestes milhares de animais diferentes diferenciando-se cada vez mais.

Enquanto a teoria darwinista assim explica assim a descendência geral dos animais, sua transmutação e formação a partir dos seres primitivos, ela explica, ao mesmo tempo a admirável adaptação em toda a natureza. Anteriormente esta admirável adaptação poderia somente ser explicada através da sábia e cuidadosa supervisão de Deus. Agora, entretanto, esta descendência natural é claramente entendida. Pois esta adaptação é nada mais do que adaptação aos meios de vida. Cada animal e planta estão exatamente adaptados a circunstâncias existentes e aqueles cuja construção está em menor conformidade com estas circunstâncias serão exterminados na luta pela existência. O sapo verde, tendo descendido do sapo marrom, deve preservar sua cor protetora, porque todos aqueles que desviarem desta cor serão mais rapidamente descobertos por seus inimigos e destruídos ou encontrarão maiores dificuldades de obter seu alimento e deverão perecer.

Foi assim que Darwin nos mostrou, pela primeira vez, que novas espécies continuamente formam-se originadas de velhas espécies. A teoria da ascendência, que até então era meramente uma inferência de muitos fenômenos que não podiam ser bem explicados de outra maneira, ganhou a certeza de um funcionamento necessário de forças definidas e que poderia ser comprovado. É nisto que reside a principal razão pela qual esta teoria dominou tão rapidamente nas discussões científicas e chamou a atenção pública.

II. Marxismo

Se nos voltarmos para o marxismo imediatamente veremos uma grande conformidade com o darwinismo. Como com Darwin, a importância científica da obra de Marx consiste em que ele descobriu a força propulsora, a causa do desenvolvimento social. Não teve que provar que tal desenvolvimento ocorria; todos sabiam que desde os tempos mais

primitivos, novas ordens sociais sempre suplantaram as velhas formas, mas as causas e objetivos deste desenvolvimento eram desconhecidos.

Nesta teoria Marx procedeu com as informações que tinha à mão em sua época. A grande revolução política que deu à Europa o aspecto que ela tomou, a revolução francesa, era conhecida por todos por ter sido uma luta pela supremacia, conduzida pela burguesia contra a nobreza e a realeza. Depois dessa luta, novas lutas de classes surgiram. A luta levada adiante na Inglaterra pelos capitalistas manufatureiros contra a dominação política dos latifundiários dominava a política; ao mesmo tempo a classe operária revoltou-se contra a burguesia. O que foram todas essas classes? De que maneira elas se diferenciavam umas das outras? Marx provou que estas distinções eram devidas a várias funções que cada uma cumpria no processo produtivo. É no processo produtivo que as classes têm sua origem e é este processo que determina a que classe cada um pertence. Produção é nada mais do que o processo de trabalho social pelo qual os homens obtêm seus meios de subsistência da natureza. É a produção das necessidades materiais da vida que forma a estrutura principal da sociedade e que determina as relações políticas, as lutas sociais e as formas da vida intelectual.

Os métodos de produção mudaram continuamente com a passagem do tempo. De onde vêm essas mudanças? O modo de trabalho e as relações de produção dependem das ferramentas com as quais as pessoas trabalham; do desenvolvimento da técnica e dos meios de produção em geral. Pelo fato de as pessoas na Idade Média trabalharem com ferramentas rudes enquanto agora elas trabalham com maquinarias gigantes, tivemos naquele tempo um pequeno comércio e o feudalismo, enquanto agora temos o capitalismo. É também por essa razão que naquela época a nobreza feudal e a pequena-burguesia formavam as classes mais importantes enquanto atualmente é a burguesia e o proletariado que são as classes fundamentais.

É o desenvolvimento das ferramentas, destes auxiliares técnicos, que o homem conduz, que é a principal causa, a força propulsora de todo desenvolvimento social. Está subentendido que as pessoas estão sempre tentando aperfeiçoar estas ferramentas para que seu trabalho seja mais fácil e mais produtivo, e a prática que elas adquirem no seu uso leva seus pensamentos a outros e maiores aperfeiçoamentos. Devido a este desenvolvimento, um progresso técnico lento ou rápido ocorre, o que ao mesmo tempo muda as formas sociais do trabalho. Isto leva a novas relações de classe, novas instituições sociais e novas classes. Ao mesmo tempo lutas sociais, isto é, políticas, surgem. Aquelas classes predominantes sob o velho processo de produção tentam preservar artificialmente suas instituições, enquanto que as classes ascendentes tentam promover o novo processo de produção; e pelas lutas contra a classe dominante e pela conquista do poder, pavimentam o caminho para um ainda mais desembaraçado desenvolvimento da técnica.

Assim a teoria marxista descobriu a força propulsora e o mecanismo do desenvolvimento social. Desta forma, a teoria provou que a história não é algo errático e que os vários sistemas sociais não são o resultado do acaso ou de eventos acidentais, mas que existe um desenvolvimento regular em uma direção definida. Foi também provado que o desenvolvimento social não cessa com o nosso sistema, porque a técnica continua a se desenvolver.

Assim, ambos os ensinamentos, o de Darwin e o de Marx, um no campo do mundo orgânico e o outro na esfera da sociedade humana, elevaram a teoria da evolução para uma ciência positiva.

Agindo dessa maneira, eles tornaram a teoria da evolução aceitável para as massas como uma concepção básica do desenvolvimento biológico e social.

III. Marxismo e luta de classes

Enquanto é verdade que para certa teoria ter uma influência duradoura na mente humana, é necessário ter um alto valor científico, isso, por si só não é suficiente. É certo que na maioria das vezes aconteceu que uma teoria científica de maior importância para a ciência não produziu qualquer interesse, todavia, com a provável exceção de uns poucos homens letrados. Como por exemplo, foi a Lei da Gravidade, de Newton. Esta teoria é a fundação da astronomia e é devido a ela que temos o conhecimento dos corpos celestes e podemos prever a chegada de certos planetas e eclipses. Mesmo assim, quando a Lei da Gravidade de Newton apareceu, somente uns poucos cientistas ingleses foram seus adeptos. As amplas massas não prestaram atenção a esta teoria. Ela se tornou conhecida da massa só através de um livro popular escrito por Voltaire meio século mais tarde.

Não há nada de surpreendente nisto. A ciência tornou-se uma especialidade para certo grupo de homens letrados e seu progresso diz respeito somente a eles, como a fundição é a especialidade do ferreiro e um desenvolvimento na fundição de ferro diz respeito a ele também. Somente um conhecimento que a massa do povo pode fazer uso e que é visto por todos como uma necessidade vital, pode ganhar adeptos entre as grandes massas. Quando, então, vemos que certa teoria científica causa entusiasmo e paixão nas amplas massas, isto pode ser atribuído ao fato de que esta teoria serve a elas como uma arma na luta de classes. Pois é a luta de classes que envolve quase todo o povo.

Isto pode ser visto mais claramente no marxismo. Se os ensinamentos econômicos do marxismo não tivessem importância na moderna luta de classes, apenas poucos economistas profissionais gastariam tempo os estudando. No entanto, devido ao fato de que o marxismo serve como arma aos proletários na luta contra o capitalismo, é que as lutas científicas estão centradas nesta teoria. É devido ao serviço que estteoria presta que o nome de Marx é honrado por milhões de pessoas que conhecem muito pouco de seus ensinamentos e, por outro lado, é desprezado por milhares que não entendem nada de sua teoria. É pelo grande papel que cumpre a teoria marxista na luta de classes que é diligentemente estudada pelas amplas massas e domina a mente humana.

A luta de classe proletária existia antes de Marx, pois é o resultado da exploração capitalista. Nada mais natural que os trabalhadores, sendo explorados, pensassem sobre a necessidade de outro sistema social onde a exploração fosse abolida e o reivindicassem. Mas tudo o que podiam fazer era ter esperança e sonhar com isso. Eles não estavam certos de como isso se passaria. Marx deu ao movimento operário e ao socialismo uma fundamentação teórica. Sua teoria social mostrou que os sistemas sociais estavam num fluxo contínuo onde o capitalismo era apenas uma forma temporária. Seus estudos sobre o capitalismo mostraram que devido ao desenvolvimento contínuo do aperfeiçoamento da técnica, o capitalismo deve necessariamente se desenvolver até chegar ao socialismo. Este novo modo de produção pode ser estabelecido somente pelos proletários em luta contra os capitalistas, os quais têm o interesse em manter o velho sistema de produção. O socialismo é, portanto, o fruto e o objetivo da luta de classe proletária.

Graças a Marx, a luta do proletariado adquiriu uma forma inteiramente diferente. O marxismo se tornou uma arma nas mãos do proletariado; no lugar de vagas esperanças ele deu um objetivo positivo e ao ensinar um claro reconhecimento do desenvolvimento social, Marx deu força ao proletariado e ao mesmo tempo criou os fundamentos para as

táticas corretas a perseguir. É através do marxismo que os trabalhadores podem provar a transitoriedade do capitalismo e a necessidade e certeza da sua vitória. Ao mesmo tempo o marxismo destruiu as visões utópicas de que o socialismo seria conquistado pela inteligência e boa vontade de alguns homens sensatos; como se o socialismo fosse uma exigência por justiça e moral; como se o objetivo fosse estabelecer uma sociedade infalível e perfeita. Justiça e moralidade mudam de acordo com o sistema produtivo; e cada classe tem diferentes concepções delas. O socialismo só pode ser conquistado pela classe cujo interesse reside no socialismo e não é uma questão de um sistema social perfeito, mas de uma mudança nos métodos de produção, que leve a um degrau mais elevado, isto é, à produção social.

Pelo fato da teoria marxista do desenvolvimento social ser indispensável ao proletariado em sua luta, os proletários tentam fazer dela parte do seu ser interior, ela domina seus pensamentos, sentimentos, toda sua concepção do mundo. Porque o marxismo é a teoria do desenvolvimento social, no centro do qual estamos, ele se coloca como o ponto central dos grandes embates intelectuais que acompanham nossa revolução econômica.

IV. Darwinismo e luta de classes

Que o marxismo deve sua importância e posição somente pelo papel que cumpre na luta do proletariado, todos sabem. Com o darwinismo, entretanto, as coisas parecem diferentes para o observador superficial, pelo fato de o darwinismo lidar com uma nova verdade científica, que deve enfrentar os preconceitos religiosos e a ignorância. Todavia não é difícil ver que, na realidade, o darwinismo se submeteu às mesmas experiências, teve de sofrer as mesmas vicissitudes que o marxismo. O darwinismo não é uma mera teoria abstrata que foi adotada pelo mundo científico depois de discutida e testada de uma maneira puramente objetiva. Não, imediatamente depois de seu aparecimento, houve entusiastas defensores e apaixonados oponentes; o nome de Darwin, também, foi altamente honrado pelas pessoas que entenderam alguma coisa de sua teoria, ou desprezado por aqueles que não conheciam nada mais de sua teoria do que "o homem descendeu do macaco" e que eram certamente desqualificados para julgar de um ponto de vista científico a correção ou falsidade da teoria de Darwin. O darwinismo, também, teve um papel na luta de classes e é devido a esse papel que a teoria se espalhou tão rapidamente e teve entusiastas defensores e venenosos oponentes.

O darwinismo serviu como uma ferramenta para a burguesia em sua luta contra a classe feudal, contra a nobreza, os direitos do clero e dos senhores feudais. Esta luta foi inteiramente diferente da luta que agora os proletários travam. A burguesia não era uma classe explorada se esforçando para abolir a exploração. Não! O que a burguesia queria era livrar-se do poder da velha classe dominante que estava em seu caminho. A burguesia queria ela própria governar, baseando suas exigências no fato de que ela era a classe mais importante que liderava a indústria. Que argumento poderia a velha classe, a classe que havia se tornado nada mais do que inútil parasita, apresentar contra a burguesia? Ela se apoiava na tradição, nos seus antigos "direitos divinos". Estes foram seus pilares. Com a ajuda da religião os padres mantiveram a grande massa na sujeição e pronta para se opor às exigências da burguesia.

Foi, portanto, por seu próprio interesse que a burguesia trabalhou para minar o direito "divino" dos governantes. A ciência natural tornou-se uma arma na oposição à crença e à tradição; a ciência e as recentes descobertas de leis naturais foram promovidas. Foi com estas armas que a burguesia lutou. Se as novas descobertas pudessem provar que o que os padres estavam ensinando era falso, a autoridade "divina" destes padres se reduziria a

pó e os "direitos divinos" gozados pela classe feudal seriam destruídos. É claro que a classe feudal não foi derrotada por isso somente; como um poder material só pôde ser derrubado por um poder também material, mas as armas intelectuais se tornaram ferramentas materiais. Foi por essa razão que a burguesia ascendente deu tanta importância na ciência natural.

O darwinismo veio no tempo desejado. A teoria de Darwin de que o homem descendeu de um animal mais primitivo destruiu todo o fundamento do dogma cristão. É por essa razão que tão logo o darwinismo apareceu, a burguesia o agarrou com grande entusiasmo.

Não foi o caso da Inglaterra. Aqui vemos novamente como foi importante a luta de classes para a expansão da teoria de Darwin. Na Inglaterra a burguesia já dominava havia alguns séculos e, no seu conjunto, eles não tinha interesse em atacar ou destruir a religião. É por essa razão que embora esta teoria tenha sido amplamente lida na Inglaterra, mesmo assim não causou alvoroço em ninguém; ela simplesmente foi considerada como uma teoria científica sem grande importância prática. Darwin considerou-a como tal e por medo que sua teoria pudesse chocar os preconceitos religiosos vigentes, ele propositalmente evitou aplicá-la imediatamente ao homem. Foi somente depois de numerosos adiamentos e depois de outros fazerem antes dele, que decidiu dar esse passo. Em uma carta a Haeckel ele deplorou o fato de que sua teoria deveria bater de frente com muitos preconceitos e tanta indiferença e que não tinha a perspectiva de viver o suficiente para vê-la transpor estes obstáculos.

Mas na Alemanha as coisas eram inteiramente diferentes e Haeckel corretamente respondeu a Darwin que sua teoria teve uma recepção entusiasmada na Alemanha. Isso aconteceu porque no momento em que apareceu naquele país a teoria de Darwin, a burguesia estava se preparando para levar adiante um novo ataque ao absolutismo e ao junkerismo. A burguesia liberal era encabeçada pelos intelectuais. Ernest Haeckel, um grande cientista e de ainda maior ousadia, imediatamente esboçou em seu livro, "Criação Natural", conclusões mais ousadas contra a religião. Então, enquanto o darwinismo conhecia a recepção mais entusiasmada por parte da burguesia progressista, era amargamente rejeitado pelos reacionários.

A mesma luta também aconteceu em outros países europeus. Em todo lugar a burguesia liberal progressista tinha que lutar contra os poderes reacionários. Esses reacionários possuíam ou tentavam obter, através dos seguidores religiosos o poder cobiçado. Sob estas circunstâncias mesmo as discussões científicas eram imbuídas de entusiasmo e paixão da luta de classes. Os escritos que apareciam a favor ou contra Darwin tinham, portanto, a marca de polêmicas sociais, a despeito do fato de que eles levavam os nomes de autores científicos. A litania dos escritos populares de Haeckel, quando olhada de um ponto de vista científico, é muito superficial, enquanto os argumentos e demonstrações de seus oponentes mostram tolices inacreditáveis que só podem ser encontradas nos argumentos usados contra Marx.

A luta travada pela burguesia liberal contra o feudalismo não tinha como objetivo ser levada até o fim. Foi particularmente devido ao fato de que em todo lugar os proletários socialistas faziam sua aparição, ameaçando todos os poderes dominantes, incluindo o da burguesia. A burguesia liberal se afrouxou, enquanto as tendências reacionárias ganharam força. O entusiasmo anterior em combater a religião apagou-se inteiramente e enquanto é verdade que os liberais e os reacionários se mantiveram lutando entre si, na realidade, entretanto, eles se aproximaram. O interesse anteriormente manifestado na ciência como uma arma revolucionária na luta de classes, desapareceu totalmente, enquanto que a

tendência reacionária cristã que desejava que o povo conservasse sua religião tornou-se cada vez mais poderosa e brutal.

A estima pela ciência também sofreu uma mudança a par com a necessidade dela. Antes, a burguesia instruída tinha fundado na ciência uma concepção materialista do universo, de onde ela via a solução para o enigma deste. Agora o misticismo dominava cada vez mais; tudo o que foi explicado pela ciência apareceu como trivial, enquanto todas as coisas que permanecem sem explicação, apareciam como sendo muito grandes, abarcando as mais importantes questões vitais. Um estado de espírito feito de ceticismo, crítica e dúvida tomou cada vez mais o lugar do júbilo espírito anterior em favor da ciência.

Isto poderia também ser visto na posição tomada contra Darwin . "*O que demonstra esta teoria? Ela deixa sem resolução o enigma do universo! De onde vem esta maravilhosa natureza da transmissão; De onde vem a habilidade dos seres animados de se modificarem tão adequadamente?*" Aqui reside o misterioso enigma da vida, que não podia ser superado com princípios mecânicos. Então, o que restou do darwinismo à luz desta última crítica?

É claro, o avanço da ciência começou a permitir progressos rápidos. A solução de um problema sempre traz novos problemas à superfície para serem resolvidos, os quais estavam escondidos sob a teoria da transmissão. Essa teoria, que Darwin teve que aceitar como uma base de investigação, continuava sendo estudada; uma calorosa discussão se colocou sobre os fatores individuais do desenvolvimento e a luta pela existência. Enquanto alguns cientistas dirigiram sua atenção à variação, a qual eles consideravam devida ao exercício e adaptação à vida (de acordo com o princípio posto por Lamarck), esta idéia foi expressamente negada por cientistas como Weissman e outros. Enquanto Darwin somente supôs graduais e lentas mudanças, De Vries encontrou repentinos e abruptos casos de variação resultantes de súbitos aparecimentos de novas espécies. Tudo isto, enquanto fortalecia e desenvolvia a teoria da descendência, em alguns casos dava a impressão de que as novas descobertas despedaçavam a teoria darwinista e, portanto, cada nova descoberta que causasse esta impressão era saudada pelos reacionários como uma falência do darwinismo. Esta concepção social teve sua influência na ciência. Cientistas reacionários clamaram que um elemento espiritual é necessário. O sobrenatural e o insolúvel, que o darwinismo tinha varrido, foram re-introduzidos pela porta traseira. Era a expressão de uma tendência cada vez mais reacionária no seio daquela classe que, no início, tinha sido a porta-bandeira do darwinismo.

V. Darwinismo versus socialismo

O darwinismo prestou um serviço inestimável à burguesia na sua luta contra os velhos poderes. Foi, portanto, apenas natural que os burgueses devessem aplicá-lo contra seu futuro inimigo, o proletariado; não porque os proletários tivessem uma disposição contrária ao darwinismo, mas exatamente o oposto. Tão logo o darwinismo apareceu, a vanguarda do proletariado, os socialistas, saudaram a teoria darwinista, porque viam no darwinismo uma confirmação e um acabamento de sua própria teoria; não como alguns oponentes superficiais acreditavam, que ela queria basear o socialismo no darwinismo, mas no sentido em que a descoberta darwinista - de que mesmo no aparentemente estagnante mundo orgânico há um contínuo desenvolvimento - é uma gloriosa confirmação que completa a teoria marxista do desenvolvimento social.

Mesmo assim era natural para a burguesia fazer uso do darwinismo contra o proletariado. A burguesia teve que encarar dois exércitos e as classes reacionárias sabiam disso muito

bem. Quando a burguesia ataca sua autoridade eles apontam o proletariado e previnem-na do desmoronamento da autoridade. Agindo assim, os reacionários tentam assustar os burgueses de tal modo que eles desistam de qualquer atividade revolucionária. É claro, os representantes burgueses respondem que não há nada a temer; que sua ciência apenas refuta a infundada autoridade da nobreza e sustenta os reacionários em sua luta contra os inimigos da ordem.

No congresso dos naturalistas, o cientista e político reacionário Virchow atacou a teoria darwinista sobre a base que esta dava suporte ao socialismo. "*Cuidado com esta teoria*", disse aos darwinistas, "*pois esta teoria está intimamente relacionada com aquela que causou muito pavor no país vizinho*". Esta alusão à Comuna de Paris, feita no famoso ano da caça aos socialistas, deve ter tido um grande efeito. O que deveria ser dito, entretanto, sobre a ciência de um professor que ataca o darwinismo com o argumento de que não é correto porque é perigoso! Esta censura, a de estar coligada com os revolucionários vermelhos, causou um grande aborrecimento em Haeckel, seu defensor. Ele não podia suportá-la. Imediatamente depois tentou demonstrar que é precisamente a teoria darwinista que mostra a insustentabilidade das reivindicações socialistas e que darwinismo e marxismo "*relacionam-se um ao outro como água e fogo*".

Vejamos a alegação de Haeckel, cujos principais pensamentos reaparecem na maior parte dos autores que baseiam seus argumentos contra o socialismo no darwinismo.

O socialismo é a teoria que pressupõe a igualdade natural entre as pessoas e se esforça promover a igualdade social; direitos e deveres iguais, iguais posses e gozo. O darwinismo, ao contrário, é a prova científica da desigualdade. A teoria da descendência estabeleceu o fato de que o desenvolvimento animal caminha sempre na direção de uma maior diferenciação ou divisão do trabalho; quanto mais superior o animal e se aproxima da perfeição, maior a desigualdade existente. O mesmo vale para a sociedade. Aqui também vemos a grande divisão do trabalho entre ofícios, classes etc. e quanto mais alto estivermos no desenvolvimento social, maiores as desigualdades de força, habilidade e capacidade. A teoria da descendência é, portanto, recomendável como "*o melhor antídoto às aspirações do socialismo de igualitarismo total*".

O mesmo vale, mas numa extensão maior, para a teoria darwinista da sobrevivência. O socialismo quer abolir a competição e a luta pela existência, mas o darwinismo nos ensina que esta luta é inevitável e é uma lei natural para todo o mundo orgânico. Não apenas esta luta é natural, como é útil e benéfica. Esta luta pela sobrevivência traz uma perfeição cada vez maior e essa perfeição consiste numa maior eliminação dos inaptos. Somente a minoria escolhida, aquela que é qualificada para suportar a competição, pode sobreviver; a grande maioria deve perecer. Muitos são chamados, mas poucos escolhidos. A luta pela existência resulta ao mesmo tempo na vitória do melhor, enquanto os piores e inaptos devem perecer. Isto pode ser lamentável, como é lamentável que todos devam morrer, mas o fato não pode ser negado nem mudado.

Gostaríamos de observar aqui como uma pequena mudança de palavras quase similares serve como defesa do capitalismo. Darwin falou da sobrevivência do mais apto, daqueles que são melhores adaptados às condições. Vendo que nesta luta aqueles que estão mais bem organizados vencem os outros, os vencedores foram chamados de vigilantes e depois os "melhores". Esta expressão foi cunhada por Hebert Spencer. Vencendo em seu domínio, os vencedores na luta social, os grandes capitalistas foram proclamados a melhor gente.

Haeckel tomou para si e ainda mantém esta concepção. Em 1892 ele disse:

- *"O darwinismo, ou a teoria da seleção, é completamente aristocrática; ela é baseada na sobrevivência dos melhores. A divisão do trabalho gerou, por causas de desenvolvimento, uma variação cada vez maior nas características e sempre uma maior desigualdade entre indivíduos, em sua atividade, educação e condição. Quanto maior o avanço da cultura humana, maior a diferença e o fosso entre as várias classes existentes. O comunismo e as demandas apresentadas pelos socialistas ao reivindicar uma igualdade de condições e atividades é sinônimo de uma volta aos estágios primitivos da barbárie".*

O filósofo inglês Hebert Spencer já tinha uma teoria do desenvolvimento social antes de Darwin . Esta era a teoria burguesa do individualismo, baseada na luta pela existência. Mais tarde ele trouxe esta teoria para uma relação mais estreita com o darwinismo. *"No mundo animal",* ele disse, *"os velhos, fracos e doentes perecem sempre e somente os fortes e saudáveis sobrevivem. A luta pela existência serve, portanto, como uma purificação da raça, protegendo-a da deterioração. Este é o feliz efeito desta luta, pois, se por acaso a luta cessasse e cada um tivesse a certeza de encontrar sua subsistência sem nenhuma luta, a raça necessariamente deterioraria. A ajuda dada ao doente, fraco e inapto causa uma degeneração geral na raça. Se a simpatia, encontrando suas expressões na caridade, vai além de limites razoáveis, ela frustra seus objetivos; ao invés de diminuir, aumenta o sofrimento para as novas gerações. O bom efeito da luta pela existência pode melhor ser visto nos animais selvagens. Todos eles são fortes e saudáveis porque sofreram milhares de perigos, nos quais aqueles que não estavam qualificados tiveram que perecer. Entre os homens e animais domésticos, a doença e a fraqueza são tão comuns devido ao fato de o fraco e o doente serem preservados. O socialismo, tendo como objetivo a abolição da luta pela existência no mundo humano, trará necessariamente um crescimento da deterioração física e mental".*

Estas são as principais posições daqueles que usam o darwinismo como uma defesa do sistema burguês. Fortes como estes argumentos podiam parecer à primeira vista, não foram difíceis de ser superados pelos socialistas. Em grande medida, são os velhos argumentos usados contra o socialismo, mas desta vez com uma roupagem terminológica nova darwinista e mostram uma completa ignorância do socialismo bem como do capitalismo.

Aqueles que comparam o organismo social com o corpo animal deixam desconsiderado o fato de que os homens não diferem entre si como as várias células ou órgãos, mas somente em graus de sua capacidade. Na sociedade a divisão do trabalho não pode ir tão longe a ponto de que todas as capacidades devam perecer a custa de uma única. E mais, qualquer um que conheça alguma coisa de socialismo sabe que a eficiente divisão do trabalho não acabará com o socialismo; que sob o socialismo uma divisão real será possível. A diferença entre os trabalhadores, suas habilidades e os empregos não acabará; o que terminará é a diferença entre trabalhadores e exploradores.

Enquanto é verdadeiro que na luta pela existência aqueles animais fisicamente mais fortes, saudáveis e bem preparados sobrevivem, isto não acontece sob a competição capitalista. Aqui a vitória não depende da perfeição daqueles que estão na disputa. Enquanto o talento pelos negócios e o dinamismo podem jogar um papel no mundo pequeno burguês, com o desenvolvimento cada vez maior da sociedade, o sucesso depende cada vez mais da posse de capital. O capital maior vence o menor, mesmo sendo o último a disposição de alguém mais qualificado. Não são as qualidades pessoais, mas a posse de dinheiro, que decide quem será o vencedor da luta pela sobrevivência. Quando

os pequenos capitalistas perecem, não é como homens, mas como capitalistas; eles não são varridos da existência física, mas da classe burguesa. Eles ainda existem, mas não mais como capitalistas. A competição existente no sistema capitalista é, portanto, algo diferente em requisitos e resultados da luta animal pela existência.

As pessoas que perecem como pessoas são membros de uma classe inteiramente diferente, uma classe que não participa da luta competitiva. Os trabalhadores não competem com os capitalistas, apenas vendem sua força de trabalho a eles. Não tendo propriedade alguma, eles não têm a oportunidade de medir suas grandes qualidades e entrar numa corrida com os capitalistas. Sua pobreza e sua miséria não podem ser atribuídas ao fato de que eles caíram na luta competitiva devido à sua fraqueza, mas porque eles foram muito mal remunerados pela sua força de trabalho e é por essa razão que, embora seus filhos nasçam fortes e saudáveis, eles perecem em massa, enquanto as crianças nascidas de pais ricos, mesmo nascendo doentes, permanecerão vivas por meio de alimentação e grandes cuidados dispensados a elas. Estas crianças pobres não morrem porque são doentes ou fracas, mas devido a causas externas. É o capitalismo quem cria todas as condições desfavoráveis por meio da exploração, redução de salários, crises de desemprego, péssimas moradias, longas jornadas de trabalho. É o sistema capitalista que causa a destruição de muitos fortes e saudáveis.

Assim os socialistas provam que diferentemente do mundo animal, a luta competitiva entre os homens não favorece os melhores e mais qualificados, mas destrói muitos indivíduos fortes e saudáveis devido à sua pobreza, enquanto aqueles que são ricos, mesmo fracos e doentes, sobrevivem. Os socialistas provam que a força pessoal não é o fator determinante, mas que este é algo exterior ao homem, isto é, a posse de dinheiro que determina quem deve sobreviver e quem deve morrer.

Anton Pannekoek

[1] É necessário destacar que, pouco tempo depois, em outra carta a Engels com data de 18 de junho de 1862, Marx retornará sobre essa apreciação fazendo esta crítica a Darwin: "*É marcante ver como Darwin reconhece nos animais e nas plantas sua própria sociedade inglesa, com sua divisão do trabalho, sua concorrência, sua abertura de novos mercados, suas invenções e sua maltusiana luta pela vida. É o bellum omnium contra omnes de Hobbes (a guerra de todos contra todos), e recorda Hegel na Fenomenologia, onde a sociedade civil intervém enquanto que "reino animal do Espírito", quando em Darwin, é o reino animal o que intervém enquanto sociedade civil*" (Marx-Engels. Correspondência, Ediciones Sociales, Paris, 1979). Em consequência, Engels retomará em parte esta crítica de Marx no *Antiduring* (Engels fará alusão ao "erro maltusiano" de Darwin) e na Dialética da natureza. Numa próxima publicação, voltaremos novamente sobre isto que se pode considerar como uma interpretação errônea da obra de Darwin por Marx e Engels.

[2] Esta versão em português provém inicialmente do site <http://marxists.org/portugues/pannekoek/ano/darwinismo/index.htm>, onde tinha sido traduzida muito provavelmente a partir da versão inglesa (1912. Nathan Weiser). Efetuamos alterações na tradução ora compilada, notadamente levando em conta a versão do autor publicada originalmente em holandes.

Darwinismo e Marxismo - 2ª parte - (Anton Pannekoek)

Introdução da CCI

O artigo que publicamos a seguir é a segunda parte do folheto de Anton Pannekoek, *Darwinismo e Marxismo*, do qual publicamos os primeiros capítulos em nossa página. Esta segunda parte explica a evolução do Homem enquanto espécie social, Pannekoek se refere com razão ao segundo grande livro de Darwin, *A origem do homem* (1871), afirmando claramente que o mecanismo da luta pela existência mediante a seleção natural, desenvolvida em *A origem das espécies* não pode aplicar-se esquematicamente à espécie humana como o próprio Darwin o demonstrou. Em todos os animais sociais e mais precisamente no Homem, a cooperação e a ajuda mútua são a condição da sobrevivência coletiva do grupo em cujo seio não se elimina os mais fracos, mas que, ao contrário, protege-os. O motor da evolução da espécie humana não é, portanto, a luta competitiva pela existência e a vantagem para os seres vivos mais adaptados às condições do meio, mas sim o desenvolvimento de seus instintos sociais.

O folheto de Pannekoek demonstra que o livro de Darwin, *A origem do homem*, desmente categoricamente a ideologia reacionária do "darwinismo social" preconizado, sobretudo por Herbert Spencer (e e desmente também o eugenismo de Francis Galton), que se apoiava sobre o mecanismo da seleção natural descrito em *A origem das espécies*, para dar uma espécie de garantia científica à lógica do capitalismo, baseada na concorrência, a lei do mais forte e a eliminação dos "menos aptos". A todos os "darwinistas sociais" de ontem e hoje (aos quais Pannekoek designa com a expressão de "darwinistas burgueses"), Pannekoek responde muito claramente, baseando-se em Darwin, que *"Isto lança uma luz inteiramente nova sobre as visões dos darwinistas burgueses. Estes proclamam que o extermínio do fraco é natural e necessário para prevenir a corrupção da raça e, por outro lado, a proteção dada ao fraco contribui para o declínio da raça. Mas o que na realidade vemos? Na natureza, no mundo animal, observamos que os fracos são protegidos; que não é pela sua própria força pessoal que eles se mantêm e que eles não são postos de lado por causa de sua fraqueza pessoal. Esta combinação não enfraquece o grupo, mas dá a ele nova força. O grupo animal no qual a ajuda mútua é melhor desenvolvida é melhor adaptado para se manter na luta. Aquilo que, de acordo com a concepção obtusa desses darwinistas, aparece como uma causa da fraqueza, é na realidade o contrário, a causa da força contra a qual os indivíduos fortes que realizam a luta individualmente não poderiam competir. Esta raça, supostamente em degeneração e corrompida, leva a vitória e prova na prática serem os mais habilidosos e melhores."*

Nesta segunda parte do seu folheto, Pannekoek examina também, com grande rigor dialético, como a evolução do Homem lhe permitiu apartar-se da sua animalidade e de certas contingências da natureza, graças ao desenvolvimento conjunto da linguagem, do pensamento e das ferramentas. Contudo, recolhendo as análises desenvolvidas por Engels no seu artigo inacabado "O papel do trabalho no processo de transformação do macaco em homem" (publicado em *Dialética da natureza*), tende a subestimar o papel fundamental da linguagem no desenvolvimento da vida social da nossa espécie.

Este artigo de Pannekoek foi redigido há um século e, evidentemente, não podia integrar os descobrimentos científicos recentes, em particular na primatologia. Os estudos recentes sobre o comportamento social dos macacos antropóides nos permitem afirmar que a linguagem humana não foi selecionada em primeiro lugar para a fabricação de

ferramentas (como parece ter pensado Pannekoek, seguindo Engels) e sim, primeiro, para consolidar os vínculos sociais, sem os quais os primeiros seres humanos não teriam conseguido comunicar especialmente para construir abrigos, proteger-se dos predadores e das forças hostis da natureza, e logo transmitir seus conhecimentos de uma geração a outra.

Embora o texto de Pannekoek proporcione um marco muito bem argumentado do processo de desenvolvimento das forças produtivas desde a fabricação das primeiras ferramentas, tende a reduzi-las a satisfação das necessidades biológicas do Homem (saciar a fome especialmente), esquecendo-se assim do surgimento da arte (que apareceu rapidamente na história da humanidade), etapa também fundamental na extração da espécie humana do reino animal,

Por outra parte, como já vimos, se Pannekoek explica muito sinteticamente, mas com uma clareza e uma simplicidade notáveis, a teoria darwiniana da evolução do Homem, não vai, em nossa opinião, bastante longe na compreensão da antropologia de Darwin. Não põe em relevo, em especial, que com a seleção natural dos instintos sociais, a luta pela existência selecionou comportamentos anti-eliminatórios que deram origem à moral^[1]. Ao empreender uma ruptura entre moral natural e moral social, entre natureza e cultura, Pannekoek não compreendeu totalmente a continuidade que há entre a seleção dos instintos sociais, a proteção dos fracos mediante a ajuda mútua, e tudo o que permitiu ao Homem entrar no caminho da civilização. Foi precisamente a extensão da solidariedade e da consciência de pertencer à mesma espécie o que permitiu à Humanidade, em certo estágio do seu desenvolvimento, enunciar sob o Império Romano (como menciona por outro lado o texto de Pannekoek) esta fórmula do cristianismo: "*Todos os homens são irmãos*".

CCI (12 de julho de 2009)

Folheto de Pannekoek (continuação)

VI. Lei natural e teoria social

As falsas conclusões tiradas por Haeckel e Spencer sobre o socialismo não surpreendem. O darwinismo e o marxismo são duas teorias distintas, uma que se aplica ao mundo animal, enquanto a outra é aplicada à sociedade.

Elas se completam na medida em que, de acordo com a teoria da evolução de Darwin, o mundo animal se desenvolve até o estágio do homem e a partir daí, depois do animal se tornar homem, já é um campo de análise da teoria marxista. Quando, entretanto, alguém deseja levar a teoria de um domínio para outro, onde diferentes leis são aplicáveis, só se pode extrair deduções erradas.

Tal é o caso quando queremos verificar através da lei natural qual forma social é natural e mais em conformidade à realidade e isso é exatamente o que os darwinistas burgueses fizeram. Eles deduziram que as leis que governam o mundo animal, onde a teoria darwinista se aplica, valem com igual força no sistema capitalista e que, portanto, o capitalismo é uma ordem natural e deve durar para sempre. Na outra ponta da argumentação, houve alguns socialistas que desejaram provar que, segundo Darwin, o sistema socialista é o sistema natural.

Estes socialistas disseram:

Sob o capitalismo os homens não levam adiante a luta pela existência com ferramentas iguais, mas sim com armas artificialmente desiguais. A superioridade natural daqueles que são mais saudáveis, mais fortes, mais inteligentes ou moralmente melhores não tem utilidade, enquanto que o nascimento, a classe ou a posse de dinheiro determina esta luta. O socialismo, ao abolir todas estas desigualdades artificiais, dará provisões iguais a todos e somente então a luta pela existência prevalecerá, onde as superioridades pessoais reais serão os fatores determinantes. Segundo os princípios darwinianos, o modo de produção socialista será o verdadeiramente natural e lógico".

Estes argumentos críticos, enquanto não são ruins quando usados como refutação contra os darwinistas burgueses, são falhos. Ambos os argumentos, aqueles usados pelos darwinistas burgueses a favor do capitalismo e aqueles dos socialistas, que baseiam seu socialismo em Darwin, são fundamentalmente falsos. Ambos os argumentos, embora chegando a conclusões opostas, são igualmente falsos porque eles procedem de premissas erradas, ou seja, as da existência de um natural ou lógico sistema de sociedade único.

O marxismo nos ensinou que não há e nem existirá jamais um sistema social natural ou, dito de outra forma, todo sistema social é natural, pois todo sistema social é necessário e natural sob condições determinadas. Não há um só e definido sistema social que pode se reivindicar ser natural; os vários sistemas sociais ocupam o lugar de outros como resultado dos desenvolvimentos das forças produtivas. Cada sistema é, portanto, o natural para seu tempo particular de existência como será o seguinte numa época posterior. O capitalismo não é a única ordem natural, como a burguesia acredita e nem o socialismo é o único sistema natural, como alguns socialistas tentam provar. O capitalismo foi natural sob as condições do século XIX, como o feudalismo foi na idade média e como o socialismo será na época vindoura de desenvolvimento das forças produtivas. A tentativa de colocar certo sistema como o único natural e permanente é uma futilidade similar a de designar um animal qualquer e afirmar que este animal é o melhor e o mais perfeito entre todos os animais. O darwinismo nos ensina que todo animal é igualmente adaptado e igualmente perfeito na forma em que se ajusta ao seu ambiente especial e o marxismo nos ensina que todo sistema social é particularmente adaptado às suas condições e que neste sentido, pode ser chamado de bom e perfeito.

Aqui reside a principal razão pela qual os esforços dos darwinistas burgueses em defender os fundamentos do sistema capitalista decadente estão fadados ao fracasso. Argumentos baseados na ciência natural, quando aplicados a questões sociais, devem quase sempre levar a conclusões erradas. Isto acontece porque, enquanto a natureza é muito lenta em seu desenvolvimento e mudanças no marco da história humana são imperceptíveis, a sociedade humana, não obstante, é submetida a rápidas e constantes mudanças. Para entender a força propulsora e a causa do desenvolvimento social, devemos estudar a sociedade como tal. O marxismo e o darwinismo devem permanecer em seus próprios domínios; eles são independentes um do outro e não há ligação direta entre eles.

Aqui surge uma questão muito importante. Podemos parar na conclusão de que o marxismo se aplica somente à sociedade e o darwinismo somente ao mundo orgânico e que nenhuma destas teorias é aplicável ao domínio da outra? Na prática é muito conveniente ter um princípio para o mundo dos homens e um outro para o mundo animal. Ao fazê-lo, entretanto, esquecemos que o homem também é um animal. O homem se desenvolveu do animal e as leis que regem o mundo animal não podem, de repente,

perder sua aplicabilidade para o homem. É verdade que o homem é um animal muito peculiar, mas se esse é o caso, é necessário encontrar nessas particularidades o porquê daqueles princípios aplicáveis a todos os animais não servirem aos homens e porque eles assumem uma forma diferente.

Aqui nós chegamos a outro problema. Os darwinistas burgueses não têm este problema; eles simplesmente declaram que o homem é um animal e sem maiores cerimônias lançam-se a aplicar princípios darwinistas aos homens. Vimos em quais conclusões errôneas eles chegam. Para nós esta questão não é tão simples; devemos primeiro estar esclarecidos sobre as diferenças entre homens e animais e então poderemos ver porque, no mundo dos homens, os princípios darwinistas se transformam em princípios totalmente diferentes, quer dizer, se transformam em marxismo.

VII. A Sociabilidade do Homem

A primeira peculiaridade que vemos no homem é que ele é um ser social. Nisto ele não difere de todos os animais, pois mesmo nestes últimos há muitas espécies que vivem socialmente. Mas o homem difere de todos os animais que observamos até agora ao lidar com a teoria darwinista; ele difere daqueles animais que não vivem socialmente, mas que lutam uns contra os outros pela sobrevivência. Não é com os animais predadores, os quais vivem isoladamente e que constituem modelos pelos Darwinistas burgueses, que o homem deve ser comparado, mas com aqueles que vivem socialmente. A sociabilidade dos animais é uma força nova de que não falamos até aqui; uma força que requer novas relações e novas qualidades entre os animais.

É um erro considerarmos a luta pela sobrevivência como a única e onipotente força que dá forma ao mundo orgânico. A luta pela existência é a principal força que causa a origem de novas espécies, mas Darwin sabia muito bem que outros fatores cooperavam para dar a configuração às formas, hábitos e peculiaridades do mundo orgânico. Em seu livro, *A Origem do Homem*, Darwin, de forma minuciosa tratou da seleção sexual e mostrou que a competição de machos por fêmeas aumentava e desenvolvia as cores alegres dos pássaros e borboletas, bem como o canto dos pássaros. Ele também dedicou um capítulo à vida em sociedade. Muitas ilustrações nesta direção são também encontradas no livro de Kropotkin *Ajuda mútua como um fator na evolução*. A melhor representação dos efeitos da sociabilidade é dada no livro de Kautsky *Ética e concepção materialista da história*.

Quando um número de animais vive em um grupo, rebanho ou manada, travam a luta pela sobrevivência em comum contra o mundo exterior; dentro do grupo a luta pela existência cessa. Os animais que vivem socialmente não travam uma luta uns contra os outros, na qual o fraco sucumbe; pelo contrário, o fraco aproveita as mesmas vantagens que o forte. Quando alguns animais têm uma vantagem devida à maior força, faro mais fino, experiência em encontrar a melhor pastagem ou em despistar o inimigo, esta vantagem não é revertida somente para o melhor adaptado, mas também para o grupo inteiro, inclusive os menos dotados. O fato dos indivíduos menos dotados se juntar com os melhores adaptados permite aos primeiros superar, até certo ponto, as conseqüências de suas propriedades menos favoráveis.

Esta combinação de diferentes forças se efetua em benefício do conjunto de seus membros. Ela dá ao grupo uma nova e muito maior força do que qualquer indivíduo, mesmo a os mais fortes. É devido a esta forte união que os herbívoros indefesos podem repelir animais predadores. É só por meio desta união que alguns animais são capazes de

proteger seus filhotes. A vida social é muito proveitosa para o conjunto dos membros do grupo.

Uma segunda vantagem da sociabilidade resulta do fato de que onde os animais vivem em sociedade, existe a possibilidade de divisão do trabalho. Tais animais mandam vigias ou colocam sentinelas cujo objetivo é velar pela segurança de todos enquanto outros passam o tempo ou comendo ou recolhendo alimentos, contando com sua defesa para preveni-los do perigo.

Tal sociedade animal se torna, em alguns aspectos, uma unidade, um organismo único. Naturalmente, a relação permanece mais fraca do que a relação entre as células do corpo de um animal individual. Porém, os membros ficam iguais entre eles (só se desenvolve uma distinção orgânica no caso das formigas, das abelhas e de alguns outros insectos) e são capazes, claro, em certas condições mais desfavoráveis, de viver isoladamente uns dos outros. Entretanto, o grupo se torna um corpo coeso e deve haver alguma força que unifica entre eles os diferentes membros individuais.

Esta força não é outra senão as motivações sociais, o instinto que os põem juntos e permitem desse jeito a perpetuação do grupo. Cada animal deve colocar o interesse do grupo como um todo acima dos seus; deve sempre agir instintivamente para o benefício do grupo sem pensar em si mesmo. Se cada um dos fracos herbívoros pensa só em si mesmo e foge quando atacado por um animal predador, cada um se importando apenas com sua própria vida, a manada reunida se dissemina novamente. Somente quando um forte sentimento de auto-preservação é neutralizado por um motivo mais forte de união e cada animal arrisca sua vida para a proteção de todos, então o rebanho permanece e aproveita as vantagens de permanecer agrupado. Em tais casos, auto-sacrifício, bravura, devoção, disciplina e fidelidade devem surgir, pois onde essas qualidades não existem, a sociedade se dissolve; só pode haver sociedade com estas qualidades.

Estes instintos, enquanto têm sua origem no hábito e na necessidade, são fortalecidos pela sobrevivência. Cada animal de um rebanho ainda permanece em uma luta competitiva com os mesmos animais de uma outra manada; aqueles que são mais bem adaptados para resistir ao inimigo sobreviverão, enquanto aqueles mais pobremente equipados perecerão. Aqueles grupos nos quais o instinto social é mais desenvolvido serão capazes de se manter, enquanto o grupo cujo instinto social é menor cairá como presa fácil dos seus inimigos ou não estará em condições de encontrar lugares favoráveis para a alimentação. Estes instintos sociais se tornam, portanto, os mais importantes e decisivos fatores que determinam quem sobreviverá na luta pela existência. É devido a isto que os instintos sociais elevaram-se à posição de fatores predominantes na luta pela sobrevivência.

Isto lança uma luz inteiramente nova sobre as visões dos darwinistas burgueses. Estes proclamam que o extermínio do fraco é natural e necessário para prevenir a corrupção da raça e, por outro lado, a proteção dada ao fraco contribui para o declínio da raça. Mas o que na realidade vemos? Na natureza, no mundo animal, observamos que os fracos são protegidos; que não é pela sua própria força pessoal que eles se mantêm e que eles não são postos de lado por causa de sua fraqueza pessoal. Esta combinação não enfraquece o grupo, mas dá a ele nova força. O grupo animal no qual a ajuda mútua é melhor desenvolvida é melhor adaptado para se manter na luta. Aquilo que, de acordo com a concepção obtusa desses darwinistas, aparece como uma causa da fraqueza, é na realidade o contrário, a causa da força contra a qual os indivíduos fortes que realizam a

luta individualmente não poderiam competir. Esta raça, supostamente em degeneração e corrompida, leva a vitória e prova na prática serem os mais habilidosos e melhores.

Aqui podemos ver completamente como são míopes, estreitos e anticientíficos os clamores dos darwinistas burgueses. Suas leis naturais e suas concepções do que é natural são derivadas de uma parte do mundo animal, aquela parte com a qual o homem se assemelha menos, os animais solitários, enquanto que os animais que praticamente vivem de modo parecido com o homem, nas mesmas circunstâncias, são deixados sem qualquer observação. A razão para isto pode ser encontrada nas próprias circunstâncias da sua existência; eles pertencem a uma classe onde cada um compete individualmente contra o outro, portanto, eles vêem entre os animais somente esta forma de luta pela existência que corresponde à concorrência burguesa. É por esta razão que eles deixam passar sem análise aquelas formas de luta que são de enorme importância para os homens.

É verdade que estes darwinistas burgueses estão cientes do fato de que tudo, no mundo animal como humano, não é reduzido a mero egoísmo. Os cientistas burgueses dizem muito freqüentemente que todo homem é possuidor de dois sentimentos, o egoísta, ou amor-próprio e o altruísta, ou amor aos outros. Mas como eles não sabem a origem social deste altruísmo, não podem entender suas limitações e condições. Altruísmo em suas bocas se transforma em uma idéia muito abstrata que eles não conseguem tratar.

Tudo o que se aplica aos animais sociais também se aplica ao homem. Nossos ancestrais macacos e os homens primitivos desenvolvidos destes eram todos indefesos, animais fracos que, como quase todos os macacos fazem, viviam em tribos. Aqui as mesmas motivações sociais e instintos tiveram que surgir e que, mais tarde, se transformaram em sentimentos morais no homem. Que nossos costumes e morais não são mais do que sentimentos sociais, sentimentos que encontramos nos animais, é sabido de todos; Darwin também falou sobre "*os hábitos dos animais em relação a suas atitudes sociais que seriam chamados moral entre os homens*". A diferença está somente na medida da consciência; tão logo estes sentimentos sociais se tornem claros aos homens, eles assumem o caráter de sentimentos morais. Aqui vemos que a concepção moral - que os autores burgueses consideram como a principal distinção entre homens e animais - não é específica aos homens, mas é um produto direto das condições existentes no mundo animal.

É na natureza da origem destes sentimentos morais que eles não vão além do grupo social que o animal ou o homem pertence. Estes sentimentos servem ao objetivo prático de manter o grupo unido; fora disso são inúteis. No mundo animal, a extensão e natureza do grupo social são determinadas pelas circunstâncias da vida e, portanto, o grupo quase sempre permanece o mesmo. Entre os homens, entretanto, os grupos, estas unidades sociais, estão sempre mudando de acordo com o desenvolvimento econômico e isto também muda o domínio de validade dos instintos sociais.

Os grupos antigos, na origem dos troncos dos selvagens e bárbaros, eram mais fortemente unidos do que os grupos animais já que estavam em concorrência com outros grupos, mas também porque faziam diretamente a guerra aos mesmos. Relacionamento familiar e uma língua em comum fortaleceram esta união ainda mais. Cada indivíduo dependia totalmente do apoio de sua tribo. Sob tais condições, os instintos sociais, os sentimentos morais, a subordinação do individual ao coletivo, tiveram de se desenvolver ao máximo. Com um desenvolvimento cada vez maior da sociedade, as tribos são dissolvidas e seu lugar tomado por entidades econômicas maiores, reunidas em cidades e povos.

Formações antigas são substituídas por novas e os membros desses grupos travam a luta pela existência em comum contra outros povos. Na mesma proporção do desenvolvimento econômico, o tamanho destas entidades aumenta, no seio das quais a luta de cada um contra o outro diminui e os sentimentos sociais se ampliam. Ao final dos tempos antigos, encontramos todos os povos conhecidos ao redor do Mar Mediterrâneo formando uma união, o Império Romano. Nessa época surgiu também a doutrina que estende os sentimentos morais à humanidade inteira e formula a máxima de que todos os homens são irmãos.

Quando consideramos nossos tempos atuais, vemos que economicamente todos os povos formam uma unidade, embora muito frágil; no entanto reina um sentimento -embora relativamente abstrato- de uma fraternidade que engloba o conjunto dos povos civilizados. Mais forte ainda é o sentimento nacional, particularmente entre a burguesia, pois as nações constituem as entidades que servem à luta constante de uma burguesia contra outra. Os sentimentos sociais são mais fortes entre membros de uma mesma classe, pois as classes constituem as unidades sociais essenciais que expressam os interesses convergentes de seus membros. Assim vemos que as entidades sociais e os sentimentos sociais mudam na sociedade, segundo o progresso no desenvolvimento econômico. [2]

VIII. Ferramentas, pensamento e linguagem

A sociabilidade, com suas conseqüências, os sentimentos morais, é uma peculiaridade que diferencia o homem de alguns, mas não de todos os animais. Existem, entretanto, algumas peculiaridades que pertencem somente ao homem e que o separam do restante do mundo animal. Em primeiro lugar, a *linguagem*, em segundo, o raciocínio. O homem é também o único animal que usa ferramentas fabricadas por ele.

Os animais têm uma leve propensão em possuir estas propriedades, mas entre os homens estas desenvolveram características essencialmente novas. Muitos animais têm algum tipo de voz e por meio de sons eles podem comunicar suas intenções, mas somente o homem produz sons que servem como um meio de nomear coisas e ações. Animais também têm cérebros com os quais eles pensam, mas a mente humana mostra, como veremos mais tarde, um fato inteiramente novo, que chamamos pensamento racional ou abstrato. Animais também fazem uso de coisas inanimadas que servem para certos fins; por exemplo, a construção de ninhos. Macacos às vezes usam paus ou pedras, mas somente o homem usa ferramentas que ele mesmo fabrica deliberadamente com fins particulares. Estas tendências primitivas entre os animais nos mostram que as peculiaridades possuídas pelo homem lhes foram conseguidas, não por meio do milagre da criação, mas por um lento desenvolvimento. Compreender como desenvolveram no homem os primeiros sinais da linguagem, do pensamento e do uso de ferramentas, para chegar a novas capacidades é algo de primeira importância, pois implica a problemática da humanização do animal.

Só o ser humano, como animal social, foi capaz desta evolução. Animais vivendo isoladamente não podem chegar a tal estágio de desenvolvimento. Fora do âmbito da sociedade, a linguagem é tão inútil quanto um olho na escuridão e está fadada a morrer. A linguagem só é possível em sociedade e só nela é necessária como meio de entendimento entre seus membros. Todos os animais sociais possuem alguns meios de entendimento entre si para exprimir suas intenções, pois de outra maneira, eles não seriam capazes de executar certos planos conjuntamente. Os sons que foram necessários como meio de comunicação para o homem primitivo na concretização de suas tarefas devem ter se desenvolvido lentamente na invenção de nomes de atividades e depois nomes de coisas.

O uso de ferramentas também pressupõe uma sociedade, por isso é somente nela que as aquisições podem ser preservadas. Num estado de vida isolada cada um tem que fazer descobertas por si mesmo e, com a morte do descobridor, morre também a descoberta e cada um tem de começar tudo de novo, do zero. É somente através da sociedade que a experiência e o conhecimento de gerações anteriores podem ser preservados, perpetuados e desenvolvidos. Em um grupo ou tribo alguns poucos podem morrer, mas o grupo, de certa maneira é imortal. Ele permanece. O conhecimento no uso de ferramentas não nasceu com o homem, mas foi adquirido depois. Por isso é indispensável uma tradição intelectual, algo que só é possível na sociedade.

Enquanto essas características especiais do homem são inseparáveis da sua vida social, elas também mantêm fortes relações mútuas. Essas características não se desenvolveram isoladamente, mas todas progrediram em conjunto. O *pensamento* e a *linguagem* só podem existir e se desenvolver conjuntamente e isso é algo que cada um pode comprovar quando tentar representar a natureza de seu próprio pensamento. Quando pensamos ou refletimos, nós, na verdade, falamos conosco mesmos; observamos então que nos é impossível pensar claramente sem usar palavras. Onde não pensamos com palavras nossos pensamentos permanecem confusos e não podemos associar os vários pensamentos específicos. Qualquer um pode perceber isso por experiência própria. Isso se dá porque o assim chamado raciocínio abstrato é um pensamento perceptivo e pode acontecer apenas *por meio de conceitos*. Ora, nós podemos designar e sustentar este conceito apenas por meio de nomes. Toda tentativa de estender nossas mentes, toda tentativa de avançar nosso conhecimento tem de começar por distinguir e classificar através de nomes ou por dar aos velhos nomes um significado mais preciso. A linguagem é o corpo da mente, o material pelo qual toda a ciência humana pode ser construída.

A diferença entre a mente humana e a do animal foi muito adequadamente mostrada por Schopenhauer numa citação que também é feita por Kautsky no seu livro *Ética e Concepção Materialista da História* (página 139-40 da edição em inglês). As ações dos animais dependem de percepções e motivações visuais, do que vê, ouve ou observa. Podemos sempre dizer que o que induziu o animal a fazer esse ou aquele ato, pois nós também podemos vê-lo se ficarmos atentos. Com os homens, no entanto, é completamente diferente. Não podemos prever o que ele irá fazer, pois não sabemos as causas que o induzem ao ato; estas são pensamentos em sua cabeça. O homem raciocina e, ao fazê-lo, todo seu conhecimento, o resultado de experiência anterior entra em ação e é então que decide como agir. As ações de um animal dependem de impressões imediatas, enquanto as do homem dependem de concepções abstratas, de pensamentos e conceitos. O homem "*é ao mesmo tempo influenciado por delicadas causas invisíveis e sutis. Dessa maneira todos os seus movimentos dão a impressão de serem guiados por princípios e intenções que dão a eles a aparência de independência e evidentemente os distinguem daqueles movimentos dos animais.*"

Devido às suas necessidades físicas, homens e animais são forçados a procurar satisfazê-las na natureza que os circunda. A percepção sensorial é o impulso imediato e o motivo inicial; a satisfação dos desejos é o objetivo e fim do ato apropriado. Com o animal, a ação acontece imediatamente após a impressão. Ele vê sua presa ou comida e imediatamente salta, agarra, come ou faz o que é necessário para agarrá-la e isso é herdado como instinto. O animal ouve algum som hostil e imediatamente foge se suas pernas são bastante desenvolvidas para correr rapidamente ou deita como morto para não ser visto se suas cores servem como um protetor. No homem, no entanto, entre as impressões e atos vem à sua cabeça uma longa cadeia de pensamentos e considerações. Suas ações irão depender do resultado dessas considerações.

De onde vem essa diferença? Não é difícil ver que está estreitamente associado com o uso de ferramentas. Da mesma maneira que o pensamento insere-se entre as percepções e as ações do homem, a ferramenta insere-se entre o homem e o objeto que ele procura segurar. Além disso, desde que a ferramenta fica entre o homem e os objetos externos, é também para isso que o pensamento deve surgir entre a percepção e a execução. O homem não parte de mãos vazias para seu objetivo, seja seu inimigo ou a fruta a ser colhida, mas avança sobre ele de uma maneira indireta, pega uma ferramenta, uma arma (armas também são ferramentas) a qual usa para colher a fruta ou contra o animal hostil; por isso, em sua mente, percepção sensorial não pode ser seguida imediatamente pela ação, mas a mente deve percorrer um caminho: deve pensar primeiro nas ferramentas e então seguir para o objetivo. O percurso material causa o percurso mental; o pensamento suplementar é o resultado da ferramenta suplementar para a execução do ato.

Aqui tomamos o caso bem simples de ferramentas primitivas e os primeiros estágios de desenvolvimento mental. Quanto mais complicada se torna a técnica maior é o percurso material e como resultado a mente tem de percorrer caminhos maiores. Quando cada um fazia suas próprias ferramentas, a lembrança da fome e da luta devia orientar a mente humana para a ferramenta e sua fabricação para que ficasse pronta para ser utilizada. Aqui temos uma mais longa cadeia de pensamentos entre as percepções e a satisfação final das necessidades do homem. Quando voltamos para nossa própria época, vemos que essa cadeia é muito longa e complicada. O trabalhador que é demitido prevê a fome que está destinada a chegar; ele compra um jornal diário para ver se há alguma vaga para operários; ele vai à procura de ofertas de emprego, se oferece por um salário que apenas receberá mais tarde, com qual poderá comprar comida e se proteger da fome. Tudo isso será em primeiro lugar deliberadamente raciocinado na sua mente antes de ser colocado em prática. Que longo e tortuoso caminho que a mente deve fazer antes de alcançar seu destino. Mas está de acordo com a elaboração complexa da nossa sociedade actual, no seio da qual o homem pode satisfazer suas necessidades só através de uma técnica altamente desenvolvida.

Schopenhauer chamava a nossa atenção sobre isso, o procedimento na mente do pensamento que antecipa a ação e deve ser entendido como a necessária conseqüência do uso de ferramentas. Mas não alcançamos ainda o essencial. O homem, no entanto, não administra apenas uma ferramenta e sim muitas, as quais aplica para diferentes propósitos e das quais pode escolher. O homem, por causa dessas ferramentas, não é como o animal. O animal nunca avança além das ferramentas e armas que a natureza lhe ofereceu, enquanto o homem faz suas ferramentas artificiais e as modifica de acordo com a sua vontade. Aqui reside a diferença fundamental entre o homem e o animal. O homem, sendo um animal que usa diferentes ferramentas, deve possuir a capacidade mental de escolhê-las. Em sua cabeça vários pensamentos vêm e vão, sua mente considera todas as ferramentas e as conseqüências de sua aplicação e suas ações dependem dessas considerações. Ele também combina um pensamento com outro e aferra-se rapidamente à idéia que encaixa com seus propósitos. Esta deliberação, esta comparação livre entre uma série de seqüências de reflexão, cada uma escolhida individualmente, esta propriedade que diferencia o raciocínio humano do raciocínio animal deve diretamente ser ligada ao uso de ferramentas escolhidas a vontade.

Os animais não têm essa capacidade; seria desnecessário para eles em razão de que não saberiam o que fazer com ela. Devido à sua forma corporal, suas ações são definidas dentro de estreitas fronteiras. O leão pode apenas pular sobre sua presa, mas não pode pensar em pegá-la correndo atrás dela. A lebre é formada de tal modo que possa fugir; não tem outros meios de defesa embora seja possível que gostaria de ter. Esses animais

não têm nada a considerar exceto o momento de correr ou pular, o momento em que as percepções alcançam uma força suficiente para disparar a ação. Todo animal é formado de tal modo a se adaptar a algum modo de vida definido. Suas ações se tornam e são transmitidas como fortes hábitos, instintos. Esses hábitos não são imutáveis. Os animais não são máquinas, quando trazidos a diferentes circunstâncias eles podem adquirir hábitos diferentes. Fisiologicamente e considerando suas capacidades, o procedimento do cérebro não é diferente do nosso. A diferença reside unicamente praticamente em nível do resultado. Não é na qualidade de seus cérebros, mas na conformação de seus corpos que residem as restrições do animal. As ações do animal são limitadas por sua forma corpórea e pelo ambiente e conseqüentemente têm pouca necessidade de reflexão. O raciocínio humano seria, portanto, uma faculdade totalmente desnecessária para ele e apenas conduziria a um dano, ao invés de um benefício.

O homem, por outro lado, deve possuir essa habilidade porque exercita seu discernimento no uso de armas e ferramentas, as quais escolhe de acordo com exigências específicas. Se deseja matar o veloz cervo, ele pega o arco e flecha; se encontra o urso, usa o machado e se deseja abrir certa fruta dura, ao quebrá-la, pega um martelo. Quando ameaçado pelo perigo, o homem tem que considerar se deve correr ou se defender lutando com armas. Possuir um espírito alerta é próprio do movimento do mundo animal, mas a habilidade de pensar e raciocinar é indispensável ao homem no uso de ferramentas artificiais.

Essa forte conexão entre pensamentos, linguagem e ferramentas, cada qual impossível sem a outra, mostra que elas devem ter se desenvolvido ao mesmo tempo. Como esse desenvolvimento aconteceu, podemos apenas supor. Foi provavelmente uma mudança nas circunstâncias da vida que mudou os homens de seus antecessores macacos. Tendo migrado das florestas, o habitat original dos macacos, para as planícies, o homem teve de atravessar uma mudança completa de vida. A diferença entre os pés para correr e as mãos para agarrar devem ter-se desenvolvido então. Este ser trouxe das suas origens as duas condições fundamentais para um desenvolvimento a um nível superior: a sociabilidade e a mão do macaco, bem adaptada para agarrar objetos. Os primeiros objetos rudes, tais como pedras ou paus, vieram às mãos sem que fossem procurados e foram jogados fora. Isso deve ter se repetido tão freqüentemente instintiva e inconscientemente que deve ter deixado uma marca nas mentes daqueles homens primitivos.

Para o animal, a natureza circundante é uma unidade indiferenciada de cujos detalhes é inconsciente. Ele não pode distinguir entre os vários objetos, pois lhe falta o nome das partes distintas e dos objetos que nos permitem distingui-los. Na verdade este meio ambiente não é imutável. Às mudanças que significam comida ou perigo, o animal reage de maneira apropriada, por ações específicas. Globalmente, entretanto, a natureza fica indiferenciada e nosso homem primitivo, no seu mais baixo estágio, deve ter estado no mesmo nível de consciência. A partir desta globalidade se impõem progressivamente, pelo próprio trabalho, conteúdo principal da existência humana, essas coisas que serão utilizadas pelo trabalho. A ferramenta, às vezes, é qualquer elemento morto do mundo exterior e que age, às vezes, como se fosse um órgão do nosso próprio corpo, que é inspirado por nossa vontade, se situa por sua vez fora do mundo exterior e fora do nosso próprio corpo. O homem primitivo não percebe essas dimensões óbvias. A essas ferramentas, sendo objetos muito importantes, logo foram dadas algumas designações, foram designadas por um som que ao mesmo tempo nomeava a atividade específica. Devido à sua designação, a ferramenta se destaca como coisa peculiar do resto da natureza circundante. O homem começou assim a analisar o mundo por conceitos e

nomes, a autoconsciência fez sua aparição, objetos artificiais foram intencional e conscientemente procurados e usados com pleno conhecimento no trabalho.

Esse processo - pois é um processo muito lento - marca o início de nossa transformação em homem. Assim que os homens deliberadamente procuraram e aplicaram certas ferramentas, nós podemos dizer que estes últimos foram "produtos"; desse estágio para a fabricação de ferramentas, há apenas um passo. O homem nasceu com o primeiro nome e o primeiro pensamento abstrato. Restava ainda um longo caminho: as primeiras ferramentas brutas diferiam de acordo com o uso; da pedra cortante temos a faca, o dardo, a broca e a lança; do pau nós temos a machadinha. Assim o homem primitivo é apto a enfrentar a fera e a floresta; ele se apresenta já como o futuro rei da terra. Com a maior diferenciação posterior das ferramentas, servindo mais tarde para a divisão do trabalho, a linguagem e o pensamento se desenvolveram em formas mais ricas e novas, e reciprocamente, o pensamento conduz o homem para o uso das ferramentas de um modo melhor, para aperfeiçoar as velhas e inventar novas.

Então vemos que uma coisa traz a outra. A prática das relações sociais e do trabalho são a fonte na qual a técnica, o pensamento, as ferramentas e a ciência têm sua origem e se desenvolvem continuamente. Pelo seu trabalho, o homem-macaco ascendeu à humanidade real. Pelo seu trabalho o homem macaco se elevou à verdadeira humanidade. O uso de ferramentas marca a grande ruptura que vai constantemente se ampliando entre os homens e os animais.

IX. Órgãos animais e ferramentas humanas

A principal diferença entre os homens e os animais reside neste ponto. O animal obtém sua comida e vence seus inimigos com seus próprios órgãos corporais; o homem faz a mesma coisa com a ajuda de ferramentas artificiais. Órgão vem do grego *organon* que também significa ferramentas ou instrumento. Os órgãos são ferramentas naturais do animal, um crescimento próprio do animal. As ferramentas são os órgãos artificiais dos homens. Melhor ainda, o que o órgão é para o animal, a mão e a ferramenta são para o homem. As mãos e as ferramentas realizam as funções que o animal deve realizar com seus próprios órgãos. Devido à construção da mão para segurar várias ferramentas, torna-se um órgão geral adaptado a todos os tipos de trabalho; as ferramentas são as coisas inanimadas que são apanhadas pela mão cada uma, por sua vez, e fazem dela um órgão que pode realizar uma variedade de funções.

Com a divisão dessas funções, um amplo campo de desenvolvimento é aberto para os homens que os animais não têm conhecimento. Pelo fato de a mão humana poder usar várias ferramentas, pode combinar as funções de todos os órgãos possíveis possuídos pelos animais. Todo animal é construído e adaptado para certo ambiente e modo de vida. O homem com suas ferramentas está adaptado a todas as circunstâncias e equipado para todos ambientes. O cavalo é feito para a pradaria e o macaco é feito para a floresta. Na floresta o cavalo estaria tão desamparado quanto o macaco estaria se trazido para a pradaria. O homem por outro lado, usa o machado na floresta e a pá na pradaria. Com suas ferramentas, pode forçar seu caminho em todas as partes do mundo e se estabelecer por toda parte. Enquanto quase todos os animais podem viver em regiões específicas, tais como suprem os seus desejos e se levados a diferentes regiões não podem existir, o homem conquistou o mundo inteiro. Todo animal tem, como um zoólogo expressou certa vez, sua força pelo meio da qual se mantém na luta pela existência e sua fraqueza, devido a qual cai presa de outros e não pode se multiplicar. Nesse sentido, o homem tem apenas força e não fraqueza. Devido às suas ferramentas, o homem é igual a todos os animais.

Enquanto essas ferramentas não permanecem estagnadas, mas melhoram continuamente, o homem cresce acima de todo animal. Suas ferramentas fazem dele mestre de toda criação, o Rei da Terra.

No mundo animal há também um contínuo desenvolvimento e aperfeiçoamento de órgãos. Esse desenvolvimento, no entanto, está ligado com as mudanças do corpo do animal, que faz o desenvolvimento dos órgãos infinitamente lento, como ordenado por leis biológicas. No desenvolvimento do mundo orgânico, milhares de anos equivalem a pouco. O homem, no entanto, transferindo seu desenvolvimento orgânico para objetos externos foi capaz de se libertar da cadeia da lei biológica. As ferramentas podem ser transformadas rapidamente e a técnica faz progressos tão rápidos que, em comparação com o desenvolvimento dos órgãos animais, deve ser chamada de maravilhoso. Devido a esse novo curso, o homem tem sido capaz, dentro do curto período de alguns milhares de anos, de elevar-se acima do mais alto animal, tanto quanto que este último ultrapassa o menos evoluído. Com a invenção dessas ferramentas artificiais, o homem conseguiu de certa maneira colocar um fim à evolução animal. O filho do macaco se desenvolveu com uma velocidade fenomenal até ser um poder divino e tomar posse da terra com o seu domínio exclusivo. O calmo e até aqui livre desenvolvimento do mundo orgânico cessa de desenvolver de acordo com a teoria darwinista. É o homem que age como criador, domador, cultivador no mundo das plantas e dos animais; e é o homem que capina. É o homem que muda todo o ambiente, fazendo as formas avançadas das plantas e animais se ajustarem ao seu objetivo e vontade.

Com a aparição das ferramentas, mudanças no corpo humano cessaram. Os órgãos humanos permanecem o que eram, com a exceção notória do cérebro. O cérebro humano teve que se desenvolver junto com as ferramentas; e, de fato, vemos que a diferença entre a mais alta e a mais baixa raça do gênero humano consiste principalmente no conteúdo de seu cérebro. Mas até mesmo o desenvolvimento deste órgão teve de parar num certo estágio. Desde o começo da civilização, certas funções do cérebro são cada vez mais substituídas por meios artificiais; a ciência é entesourada em livros. Nossa faculdade do raciocínio de hoje não é muito melhor do que a possuída pelos gregos, romanos ou até dos germânicos, mas nosso conhecimento tem crescido imensamente e isso é muito devido ao fato de que o órgão mental estava aliviado por seus substitutos, os livros.

Tendo aprendido a diferença entre os homens e os animais, vamos agora considerar como eles são afetados pela luta pela existência. Que essa luta é a causa da perfeição, na medida em que não se pode negar que o que é imperfeito é eliminado. Nessa luta os animais se tornam cada vez mais perfeitos. Aqui, no entanto, é necessário ser mais preciso na expressão e na observação do que consiste a perfeição. Sendo assim, não podemos mais dizer que os animais como um todo lutam e se tornam perfeitos. Os animais lutam e competem por meio de seus órgãos específicos, os que são determinantes na luta pela sobrevivência. Os leões não travam a luta por meio de suas caudas; as lebres não dependem dos seus olhos; nem os falcões são bem sucedidos por meio de seus bicos. Os leões levam adiante a luta por meio de seus músculos impulsores e seus dentes; as lebres confiam em suas patas e ouvidos e falcões são bem sucedidos por causa de seus olhos e asas. Se agora perguntarmos o que são essas lutas e o que compete, a resposta é a luta dos órgãos que se tornam cada vez mais perfeitos. Os músculos e dentes do leão, as patas e ouvidos da lebre e os olhos e as asas do falcão conduzem a luta. É na luta que os órgãos se tornam perfeitos. O animal como um todo depende desses órgãos e compartilha do seu destino, o dos fortes que serão vitoriosos ou dos fracos que serão derrotados.

Vamos agora fazer a mesma questão sobre o mundo humano. Os homens não lutam por meio de seus órgãos naturais, mas por meio de órgãos artificiais, por meio de ferramentas (e por armas que devemos entender como ferramentas). Aqui, também, o princípio da perfeição e da eliminação do imperfeito, através da luta, permanece verdadeiro. As ferramentas lutam e isso conduz a uma ainda maior perfeição de ferramentas. Aqueles grupos de tribos que usam melhores ferramentas e armas podem melhor assegurar sua subsistência e quando se torna uma luta direta com outra raça, a raça que é mais bem equipada com ferramentas artificiais irá ganhar e exterminará os mais fracos. As grandes melhorias da técnica e dos métodos de trabalho nas origens da humanidade, como introdução da agricultura e da criação de gado, fazem do homem uma raça fisicamente mais forte que sofre menos da dureza dos elementos naturais. Aquelas raças cujo material técnico é mais bem desenvolvido podem caçar ou subjugar aquelas cujos auxiliares artificiais não são desenvolvidas, podem ter o controle das melhores terras e desenvolver a civilização. A dominação da raça européia [3] é baseada sobre a supremacia técnica.

Aqui vemos que o princípio da luta pela existência, formulado por Darwin e enfatizada por Spencer, tem um efeito diferente nos homens e nos animais. O princípio de que a luta conduz à perfeição das armas usadas na guerra, leva a resultados diferentes entre homens e animais. No animal, leva a um desenvolvimento contínuo dos órgãos naturais; que é a base da teoria da descendência, a essência do darwinismo. Nos homens, leva a um desenvolvimento contínuo das ferramentas, das técnicas e dos meios de produção. E isso é a base do marxismo.

Aqui vemos que marxismo e darwinismo não são duas teorias independentes, cada qual aplicada ao seu domínio especial, sem ter nada em comum com a outra. Na realidade, o mesmo princípio subjaz ambas as teorias. Elas formam uma unidade. O novo curso tomado pela aparição do homem, a substituição dos órgãos naturais pelas ferramentas, faz com que esse princípio fundamental se manifesta diferentemente nos dois domínios; aquele do mundo animal que se desenvolve de acordo com o princípio de Darwin, enquanto entre o gênero humano é o marxismo que define a lei do desenvolvimento. Quando os homens se libertaram do mundo animal, o desenvolvimento de ferramentas, dos métodos produtivos, da divisão do trabalho e do conhecimento se tornam a força propulsora do desenvolvimento social. É essa força que origina os diferentes sistemas, tais como o comunismo primitivo, o sistema camponês, o início da produção de mercadorias, o feudalismo e agora o capitalismo moderno. Só falta agora situar o modo de produção atual e sua superação na coerência proposta e aplicar neles corretamente a posição de base do darwinismo.

X. Capitalismo e Socialismo

A forma específica que a luta darwinista pela existência assume como força motriz para o desenvolvimento no mundo humano é determinada pela sociabilidade do homem e seu uso das ferramentas. Os homens travam a luta coletivamente, em grupos. A luta pela existência, enquanto ainda é levada adiante entre membros de diferentes grupos, contudo cessa entre membros do mesmo grupo e seu lugar é tomado pela ajuda mútua e o sentimento social. Na luta entre grupos, o equipamento técnico decide quem deve ser o vencedor; isso resulta no progresso da técnica. Essas duas circunstâncias levam a diferentes efeitos sob sistemas diferentes. Vamos ver de que maneira eles funcionam sob o capitalismo.

Quando a burguesia ganhou o poder político e fez do sistema capitalista o dominante, começou quebrando as algemas feudais e libertando o povo de todos os laços feudais. Era

essencial para o capitalismo que todos os produtores estivessem aptos a tomar parte livremente na luta competitiva, sem que nenhum laço abafe sua liberdade de se mover; que nenhuma atividade estivesse paralisada ou limitada por deveres corporativos ou dificultada por estatutos jurídicos, pois apenas desta maneira era possível para a produção desenvolver sua capacidade total. Os trabalhadores devem ter livre comando de si mesmos e não estar amarrados por deveres feudais ou de guildas, pois apenas como livres trabalhadores eles podem vender sua força de trabalho aos capitalistas como uma mercadoria inteira e somente como trabalhadores livres os capitalistas podem empregá-los plenamente. É por essa razão que a burguesia varreu com todos os velhos laços e deveres do passado. Fez o povo completamente livre, mas ao mesmo tempo o deixou completamente isolados e sem proteção. Anteriormente o povo não estava isolado; eles pertenciam a alguma corporação; eles estavam sob a proteção de algum senhor ou comunidade e nisso eles achavam força. Eles eram parte de um grupo social para o qual eles tinham deveres e do qual eles recebiam proteção. Esses deveres a burguesia aboliu; destruiu as corporações e aboliu as relações feudais. A libertação do trabalho significou ao mesmo tempo que todo amparo foi retirado dele e que ele não podia mais confiar nos outros. Todos tinham que confiar em si mesmo. Sozinhos, livres de todos os laços e proteção, ele deve lutar contra tudo.

É por essa razão que, sob o capitalismo, o mundo humano muito se assemelha ao mundo dos animais predadores e é por esse exato motivo que os darwinistas burgueses procuraram pelo protótipo dos homens entre os animais que vivem isolados. A isso eles foram levados por sua própria experiência. Seu erro, no entanto, consistiu em considerar as condições capitalistas como as condições humanas eternas. A relação existente entre nosso sistema capitalista competitivo e os animais vivendo isolados, foi desta forma expressa por Engels em seu livro *Anti-Duhring* (página 293 na versão em inglês. Isso também pode ser encontrado na página 59 de *Do socialismo utópico ao socialismo científico*) como segue: "*Finalmente, a indústria moderna e a abertura do mercado mundial fizeram a luta universal e ao mesmo tempo deram a ela virulência inaudita. As vantagens em condições naturais ou artificiais de produção agora decidem a existência ou não existência de capitalistas individuais bem como indústrias e países inteiros. Ele, que cai é sem nenhum remorso jogado a parte. É a luta darwinista da existência individual transferida da natureza para a sociedade com intensificada violência. As condições de existência natural para o animal aparecem como o termo final do desenvolvimento humano.*"

O que é isso que leva adiante a luta na competição capitalista, a perfeição da qual decide a vitória?

Primeiro vêm as ferramentas técnicas, máquinas. Aqui de novo se aplica a lei de que a luta conduz à perfeição. A máquina que é mais aperfeiçoada exclui as menos aperfeiçoadas, as máquinas que não podem realizar muito e as ferramentas simples são exterminadas e a técnica industrial se desenvolve com passos gigantes para uma sempre crescente produtividade. Essa é a aplicação real do darwinismo na sociedade humana. A particularidade disto é que sob o capitalismo há a propriedade privada e detrás de toda máquina há um homem. Detrás da máquina gigante há um grande capitalista e detrás da pequena máquina há um pequeno burguês. Com a derrota da pequena máquina, o pequeno burguês, como capitalista, perece com todas suas esperanças e ilusões. Ao mesmo tempo a luta é uma corrida do capital. O grande capital é mais bem equipado; O grande capital vence o pequeno e desse jeito está ficando cada vez maior. Essa concentração de capital mina o próprio capital, pois diminui a burguesia cujo interesse é manter o capitalismo e aumenta a massa que procura aboli-lo. Nesse desenvolvimento,

uma das características do capitalismo é gradualmente abolida. Neste mundo onde cada um luta contra todos e todos contra um, uma nova associação se desenvolve entre a classe operária, a organização de classe. As organizações da classe operária começam com o término da competição existente entre operários e combinando seus poderes separados em um grande poder em sua luta contra o mundo externo. Tudo que se aplica aos grupos sociais também se aplica a essa organização de classe, nascida de circunstâncias externas. Nas fileiras dessa organização de classe, causas sociais, sentimentos morais, sacrifício de se e dedicação ao conjunto do grupo inteiro se desenvolvem de uma maneira mais esplêndida. Essa organização sólida dá à classe trabalhadora a grande força que ela necessita para derrotar a classe capitalista. A luta da classe, que não é uma luta com ferramentas, mas para a posse de ferramentas, uma luta pela posse do equipamento técnico de toda humanidade será determinada pela força da ação organizada, pela força da nova organização de classe que surge. Através da classe trabalhadora já transparece um elemento da sociedade socialista.

Vamos agora olhar para o sistema de produção futuro levado adiante sob o socialismo. A luta pelo aperfeiçoamento das ferramentas, que marcou a história toda da humanidade, não cessa. Como antes no capitalismo, a máquina inferior será distanciada e substituída pela superior. Como antes, esse processo levará à maior produtividade do trabalho. Mas a propriedade privada tendo sido abolida, não haverá mais um homem detrás de cada máquina reivindicando a propriedade dela e compartilhando do seu destino. A concorrência entre eles só será um processo inofensivo, levado conscientemente a termo pelo homem que, depois de uma concertação racional, substituirá as máquinas menos desenvolvidas pela maquinaria mais desenvolvida. É num sentido metafórico que esse progresso será chamado de luta. Ao mesmo tempo cessa a luta mútua entre homens. Com a abolição das classes todo o mundo civilizado se tornará uma grande comunidade produtiva. Esta comunidade será como qualquer outra comunidade coletiva. Dentro dessa comunidade a luta mútua entre membros cessará e prosseguirá contra o mundo exterior. Mas em lugar das pequenas comunidades teremos então uma comunidade mundial. Isso significa que a luta pela existência pára. O combate contra o exterior não será mais uma luta contra nossa própria espécie, mas uma luta para subsistência, uma luta contra a natureza [4]. Mas devido ao desenvolvimento da técnica e da ciência, dificilmente poderá ser chamado de luta. A natureza submete-se ao homem e com muito pouco esforço de sua parte ela o abastece com abundância. Aqui um novo curso se abre para o homem: o homem ascendendo do mundo animal e prosseguindo sua luta pela existência pelo uso das ferramentas, cessa e um novo capítulo na história da humanidade se inicia.

Anton Pannekoek

[1] Esta idéia é presente na obra de Kautsky, citada e elogiada por Pannekoek, *La ética e o concepto materialista de la historia*, como o ilustra a citação seguinte: "A lei moral é um impulso animal e nada mais. Daí procede seu caráter misterioso, essa voz interior que não tem ligação alguma com o impulso exterior, como também nenhum interesse aparente; (...) A lei moral é um instinto universal, tão poderoso como o instinto de conservação ou de reprodução; disso que retira sua força, seu poder que ao obedecermos sem refletir; daí nossa capacidade para decidir rapidamente em alguns casos, se uma ação é boa ou ruim, virtuosa ou daninha; daí também a força de decisão do nosso juízo moral e a dificuldade de demonstrar seu fundamento racional quando se busca analisar". A antropologia de Darwin está, além do mais, muito bem explicada na teoria do

"efeito reversível da evolução" desenvolvida por Patrick Tort no seu livro *L'effet Darwin: sélection naturelle e naissance de la civilisation* (Éditions Du Seuil). Nossos leitores poderão encontrar uma apresentação deste livro em um artigo publicado na nossa página Web: "A propósito del libro *L'effet Darwin: Una concepción materialista de la moral y la civilización*", <http://es.internationalism.org/node2538>.

[2] Deve ser dito que Darwin se dá perfeita conta dessa escala crescente de sentimentos de solidariedade na espécie humana quando escreve: "*A medida que o homem avança na civilização, e as pequenas tribos se reúnem em comunidades mais amplas, a razão mais simples deveria aconselhar a cada indivíduo que deveria estender seus instintos sociais e suas simpatias a todos os membros de uma mesma nação, por muito desconhecidos que lhe sejam. Uma vez alcançado esse ponto, só resta uma barreira artificial para impedir que suas simpatias se estendam aos homens de todas as nações e de todas as raças. É certo que se esses homens estão separados dele por grandes diferenças de aparências exteriores ou de costumes, a experiência nos mostra que, por desgraça, é grande o tempo antes que os vejamos como nossos semelhantes*" (*A origem do homem*, cap. IV.) (nota da CCI)

[3] Cientificamente falando, não existe raça européia. Dito isso, o fato de que Pannekoek use o termo "raça" para distinguir esse subconjunto de seres humanos não é nem muito menos uma concessão a não se sabe que racismo. A este plano, se inscreve na continuidade de Darwin para quem o racismo indignava e que se demarcava claramente das teorias racistas de cientistas do seu tempo como Eugène Dally. Além disso, deve ser lembrado que nos finais do século XIX e início do XX, o termo "raça" não tinha a conotação que tem hoje, como testemunha o fato de que alguns escritos do movimento operário inclusive falam (impropriamente, está claro) da raça dos operários (nota da CCI).

[4] A expressão "luta contra a natureza" não é correta. Trata-se de uma luta para dominar a natureza, estabelecendo a comunidade humana mundial que supõe que esta seja capaz de viver em harmonia total com a natureza (nota da CCI)